ANO 17.º LISBOA — QUINTA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO DE 1937 N.º 5388

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NO discurso que ontem fez em Londres, na Galeria das Artes, a-fim de responder ao brinde de Lord Maior, o rei da Belgica disse o seguinte:

— Os objectivos politicos não interessam senão a certas partes da humanidade, mas a melhor ordenação da vida economica é de vantagem para toda ela.

Inteiramente de acôrdo: a politica, embora se dirija a todos, tem de ser versada exclusivamente por competencias. Um dos males do seculo passado e do actual foi fazer precisamente o contrario, incluindo a politica entre as graças do Espirito Santo.

Qual foi o resultado?

A degradação da qualidade, em face da quantidade. A turba submergiu o estadista. A lei tornou-se turbulenta.

A vida economica passou a segundo plano, em vez de ocupar o primeiro. O eleitor bateu o consumidor, o produtor e o trabalhador.

Esboça-se agora uma reacção, em sentido adverso?

Quanto estimamos. Antes de maiores gritos e dissonancias, urge acudir ás necessidades do homem, deixando para mais tarde os prazeres oratorios do cidadão.

* * *

PEDEM-NOS a publicação do seguinte que merece ser atendido:

«*Sr. director:* — Eu sei que V. não gosta de epistolas, porque o espaço do jornal é preciosissimo. Mas, creia, irá prestar um grande serviço aos frequentadores matinais da Praça da Figueira, — e tantos eles são, de varias categorias sociais — se fizer a gentileza de reclamar de quem de direito para que, ao menos, as ruas livres para os compradores andarem, não estejam pejadas de lixo e de hortaliças varias, que são um enorme perigo para nós todos, os que temos de ali andar pela manhã.

De resto, a tão *apregoada higiene não tem ali guarida.* Aquilo está um monturo, sobretudo nas aleas das galinheiras e hortaliceiras...!

Quere V. prestar este serviço? — *A. C.*».

* * *

O EMPRESTIMO contraido pela França na Inglaterra ha cêrca de dez meses, no montante de quatro biliões, vai ser pago integralmente pelo ministro das Finanças sr. Bonnet.

Os jornais franceses de todas as correntes referem-se ao facto com discreta satisfação. Raros são os que se lembram de aludir ás dificuldades do Tesouro francês ha três meses. Não é necessario.

* * *

OS jornais ultimamente chegados do Rio de Janeiro referem-se largamente e em termos do maior elogio á exposição de escultura em laminas metalicas, realizada pelo distinto e original artista português Delfim Maia. Animado pelo grande exito obtido, o apreciado escultor fará outra exposição em São Paulo.

BRASIL

Portugal sente, como nenhum outro povo, quanto se passa no Brasil, onde os acontecimentos se desenrolam num meio social e politico em cujas acções e reacções colabora visivelmente o velho sangue português. Para outros paises nós podemos olhar objectivamente, sem que a nossa curiosidade se transforme, graças á reflexa do parentesco, em ansiedade e palpitação intima. Com o Brasil o caso é diferente: interessa-nos do lado do coração, porque as forças da sua vida e da sua historia têm algumas, muitas raizes que nos são comuns.

O presidente Getulio Vargas, com o seu novo gesto revolucionario, a que os jornais ingleses chamam golpe de Estado, entendeu que devia fazer frente, revelando-os e dominando-os, movimentos desagregantes, preparados pelos seus adversarios, que levariam ao cáos o Brasil. Não dispomos de informações bastantes para emitir um juizo seguro a tal respeito, mas podemos ir aguardando pacientemente que elas nos instruam, á medida que forem chegando. Precipitações desorientam e ás vezes obcecam. Evitemo-las, pois.

Até hoje, o Brasil, a fim de explorar as suas enormes riquesas naturais e lançar as bases da sua auspiciosa industria, apelou para o credito — primeiro na Europa, ultimamente nos Estados Unidos. Pedia emprestado para produzir e produzia para pagar juros e amortizações. Isto converter-se-ia num eirculo vicioso, se não houvesse uma margem larga de lucros que compensasse o esforço nacional das iniciativas e do trabalho.

Como, porém, a vida economica anda sujeita a crises, sobretudo nas fases de experiencia e crescimento juvenil, o Brasil, quando se via sem os recursos necessarios para afrontar obstaculos e dificuldades, sacrificava os seus credores.

O presidente Getulio Vargas, chefe duma revolução autoritaria, destinada a conter a corrida para o abismo, não hesitou em despedir o golpe deshumano, decretando a suspensão dos pegamentos nos serviços externos da divida brasileira. Clamor justificado em Lisboa, Paris, Londres e Nova York:

— Como assim! Então com uma simples penada, aniquila-se o dever e a consciencia?

A suspensão rigida começou já a moderar-se, admitindo excepções e promefendo novas negociações, a fim de se atingir qualquer *modus vivendi*, talvez um convenio.

— Que pretende agora o presidente Getulio Vargas?

Cumprir os encargos dos emprestimos, com os saldos da balança comercial. Como aspiração, é belo, mas como realização imediata, dificil. Quantos anos não decorreriam. antes que a revolução economica preconisada por ele se tornasse aceitavel realidade! Entretanto, importa viver e recorrer ao negregado credjto. As negociações anunciadas hão-de servir para regular a questão imperiosa da divida sobre a base tentadora de novos emprestimos:

— Dai-me mais dinheiro para produzir e... para vos pagar!

Apesar de se afirmar que a economia faliu, ela mantém de pé as suas proposições e as suas leis, talqualmente acontece nas grandes inundações que cobrem momentaneamente, com as suas aguas, as terras ferteis, sem as destruirem. antes pelo contrario.

O Brasil, imensamente rico, demanda vastissimos capitais.

Como atraí-los?

Com promessas verdadeiras

O Brasil quere progredir e prosperar, não com frases ôcas, mas com providencias acertadas.

Na Alemanha, como nôs preguntassemas a um moço estudioso se havia fome na sua patria, respondeu-nos com desembaraço:

— Uma só fome existe entre nós — a do ouro.

Em terras de Santa Cruz. passa-se aproximadamente o mesmo — fome de ouro. O presidente Getulio Vargas sabe que só o ouro gera ouro. Esta necessidade fatal vai ser o eixo da sua politica externa, inteligentemente conduzida para o exito e para a consideração indispensavel das potencias prestamistas.

PELO seu evidente interesse, publicamos o seguinte:

«*Sr. director:* — Apelo para a vossa benevolencia a-fim-de chamar a atenção de quem de direito sobre o transito no Cais do Sodré.

Cada vez pior.

Agora a Companhia Carris montou mais uma linha, portanto mais um obstaculo a juntar a tantos que se deparam a quem necessita de transitar por aquela arteria a pé.

A' saida dos comboios, dos passageiros que vêm da outra margem do Tejo, automoveis, camionetas, carroças, gente dos mercados é um labirinto de tal ordem que, aliado a isto, não existir regularidade de transito, é uma passagem para o outro mundo, com uma facilidade que ninguem calcula.

Chamo a atenção de V. para este assunto, julgando assim que V. prestará um grande serviço á cidade de Lisboa.

Sem outro assunto — *Assiduo leitor*».

Tem razão o «Assiduo leitor». Já mais duma vez pedimos providencias que não devem tardar, visto o caso ser urgente.

* * *

CONSTITUIU-SE, em França, uma comissão destinada a recolher os fundos necessarios para erguer em Toulouse um monumento aos pilotos, navegadores, radio-telegrafistas e mecanicos daquele pais, que foram os primeiros da grande linha aerea do Atlantico sul, que vai até Santiago do Chile. Trata-se duma justa e sentida homenagem, onde deve figurar, em lugar de honra, o nome do grande Mermoz, piloto de «élite», que encontrou a morte em pleno Atlantico, depois de tantas vezes o ter vencido.

* * *

FRANCISCO Pedro de Melo publicou «Jardins Suspensos», edição «Maranus», livro em que reuniu os seus formosos versos, recentemente escritos. E' um devoto da meditação que vai da superficie das cousas á sua intimidade. Fora da vulgaridade e da confissão dos amores e das tristezas banais, Francisco Pedro de Melo eleva-se á expressão da sua alma, sem gestos artificiais nem palavras mal escolhidas. Mostra-se simplesmente poeta — o que é quasi o absoluto.

* * *

O «DIARIO Português», do Rio de Janeiro, não sofreu qualquer mudança nem na sua direcção nem na sua orientação, continuando, pois, na defesa da colonia portuguesa. O seu representante em Lisboa é o sr. Carlos Cilia. Deve publicar, no primeiro de dezembro, um numero consagrado ao seu sexto aniversario.

* * *

ANTONIO Sergio traduziu do inglês e prefaciou o livro de Axel Munthe — «Homens e Bichos». Do valor do livro nada ha que dizer, senão isto — lê-se em todo o mundo. Pela tradução responde Antonio Sergio, que sabe vestir o pensamento alheio dentro das nobres palmas da nossa lingua.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

A conferencia do arquitecto-urbanista Faria da Costa

O estudo que o arquitecto-urbanista, de Lisboa, apresentou em janeiro passado no Instituto de Urbanistas da Universidade de Paris, e que mereceu ser classificado de distinto, deu ao artista ensejo para vir a esta cidade, a convite da Associação Comercial e Industrial, realizar uma brilhante conferencia que hoje se realizou no salão nobre da centenaria colectividade local.

Faria da Costa era aguardado com justificada curiosidade e foi escutado com o maior interesse. A Figueira da Foz precisava que alguem a estudasse com atenção e com competencia.

Cidade moderna, construída sem um delineamento estudado, está cheia de tremendas imperfeições e irregularidades. Faria da Costa não quere que essas irregularidades desapareçam imediatamente. O que o seu estudo prevê é a realização de melhoramentos importantes que serão efectivados consoantes as possibilidades e a oportunidade o permitirem. Evitam-se com o trabalho apresentado, mais atropêlos á estetica citadina, pondo-se um ponto final na facil execução dos chamados melhoramentos que tão pouco melhoram a linda cidade-praia.

O assunto «arte», não foi esquecido. A Figueira, nessa materia, é uma terra cruelmente árida; os artistas — á excepção dum pintor distinto que oportunamente será citado e louvado — não a «sentem» porque não encontram no ambiente intimo da terra, nada que lhes seduza a sensibilidade.

O autor do projecto, criou no trabalho multiplos embelezamentos, como campos de corridas de cavalos, de golf, estadio para importantes torneios, piscina e varios parques. Aqui introduziu Faria da Costa motivos de arte com a decoração concebida.

A exposição sobre urbanismo, foi brilhante, e a Figueira serviu magnificamente para a exemplificação do estudo. Quando, em obediencia a honrosa intimativa, apresentei o conferente, talvez que parte da assistencia que enchia totalmente a sala supusesse que eu exageraria.

Faria da Costa, autorizado pela presidencia, que era composta pelo sr. capitão Henrique Ferreira, presidente da Camara Municipal, e pelos srs. comandante Garrido, capitão do porto; coronel Artur Santos, comandante militar; dr. José Salinas Calado, inspector de saude, e arquitecto Dario Vieira — falou. A sua exposição clara, sem artificios, brilhantemente modesta, deu aos ouvintes, não a esperança mas a certeza de que esta terra tão linda ma de tão defeituosa estetica, ha-de ressurgir outra cidade mais confortavel, moderna, que tente e contente o turista.

CARLOS SOMBRIO

Vai ser demolido o Coliseu Figueirense?

As festas tauromaquicas, mercê do seu grande custo e das dificuldades que existem para que se realizem, tendem a acabar, principalmente em meios onde o entusiasmo por esses espectaculos não seja muito intenso.

A Figueira tem uma das melhores praças de touros do país. Não havendo, por parte da sua empresa, possibilidade de organizar corridas «em forma», as unicas que actualmente interessam ao publico, consta-nos que ha quem pense, dentro da respectiva empresa, em propôr a demolição do edificio, que é todo em alvenaria, mesmo as bancadas, sendo depois vendido o terreno, em lotes, para construção de predios.

Chegou o ultimo bacalhoeiro

Chegou o ultimo navio bacalhoeiro da flotilha local, «O Pescador», da casa Santiago.

Traz, como os restantes barcos, bom carregamento.

Estrada consertada

A estrada, no Cais da Alfandega, que na dias lembrámos que tinha absoluta necessidade de conserto, está a ser reparada. E' bom serviço, e que merece ser louvado.

Cheia

Tem chovido muito. O rio, de Coimbra para baixo, traz muita agua, que chega aqui bastante barrenta, o que indica grande cheia nos campos.

«Rancho das Rosas»

Este grupo coreografico realiza no proximo domingo um festival em homenagem ao seu ensaiador, sr. Raul Mesquita, e director de orquestra, sr. Carlos Leandro da Silva.

MADAME

O Salão Sousa avisa as suas Ex.mas clientes que adquiriu o melhor aparelho permanente, de categoria sem fios de novo sistema de 1938. Com este aparelho escusam V. Ex.as de futuro de fazerem mise; preço, tudo incluido sem ratoeira, 65$00. Aven. Liberdade, 236, r/c. Telef. 4 5416.

SUCURSAL DO CAFE TAVARES

(Tavares Pobre) T. 2 9687
Almoços 8$00—Jantares 10$00
BOA COMIDA — MELHOR VINHO

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

A exposição em Lisboa da importante Luvaria Vicent, do Porto

Um prodigio de bom gosto que é um triunfo e um exemplo

Não são muitas as Casas ou Industrias que, no nosso País possam ombrear, franca e, ás vezes, vitoriosamente, com as estrangeiras.

Lá fora o Progresso anda talvez demasiado depressa. Num ano, transforma-se, por vezes, completamente, a tecnica e, até, a organização de certas facetas comerciais ou industriais. Dum modo geral, nas Cidades—guias da Europa o progresso apresenta-se num desenvolvimento vertiginoso e seguro, procurando, numa ansia ir mais além.

Ora entre nós, infelizmente, não se «anda» talvez tão depressa como nas grandes metropoles estrangeiras. Por vezes, em varias ocasiões, sentimos essa falta de ... «ritmo» Europeu—digamos assim. E a citação sobe-nos á boca, quasi que involuntariamente:

—E' um bom artigo... não é feio... mas em Paris... mas em Londres...

E este «mas» perssegue-nos, acreditem. Em certos movimentos, porém, surge-nos, numa volta do caminho, uma excepção.

Uma casa comercial, uma industria, seja o que fôr, tão boa, tão moderna, tão aperfeiçoada, em paralelo triunfante como as de Paris, as de Londres, as de Viena...

Ao espanto, segue-se, imediatamente, a admiração e essa admiração, no fim de contas, é mais—é gratidão. Devemos ser gratos áqueles que trabalham e lutam e persistem em elevar o nosso nome de nação civilizada, de País Europeu, do País que outrora foi o farol do Mundo. E parece-nos a altura de tomarmos um exemplo. Os exemplos servem para melhor anunciarmos uma verdade. São factos e nada mais dirão. Mas os factos pesam mais do que as palavras.

Vieram-nos estas ligeiríssimas considerações a proposito duma Casa de longinqua fama que prova, insofismavelmente o seguinte: em Portugal trabalha-se tão bem, ou melhor, como no Estrangeiro.

E' a *antiga Luvaria Vicent* do Porto cuja Séde é na Rua 31 de Janeiro, 133, que numa rapida exposição relampago, feita em Lisboa ali nas salas do Avenida Palace, maravilhou, e, mais ainda, entusiasmou todos que a visitaram no curto espaço de tempo em que esteve aberta. A sua numerosa colecção de artigos para Senhoras, *como luvas, malas de mão, cintos, adereços, foi uma notavel afirmação de bom gosto, e triunfo absoluto.*

A' custa, apenas de trabalho Português inteiramente nosso—Nacionalista—note-se bem, —a Casa Vicent, do Porto, demonstrou do modo mais seguro o seu inexcedivel valor!!

Pelos nossos olhos e do publico visitador, perpassou um filme interessantissimo, cheio de pitoresco e cores, onde os mais deliciosos e delicados desenhos ressaltavam em artigos cheios de graça e arte, e grandiosidade de bom gosto.

Citem-se, por exemplo, as maravilhosas luvas de noite, sabiamente cravejadas de pedrarias «*Strasse*» que encantavam os olhos femininos—e masculinos, porque não!!...—que por essa exposição passaram.

Viam-se ainda as excelentes, praticas e solidas luvas de sport, dum afinado bom gosto, o que aliás se verifica em todos os artigos expostos.

As luvas de tarde, ainda, das mais belas cores, admiravelmente combinadas, realçando aqui e além um pormenor de elegancia e beleza. E que encantos, que verdadeiras obras primas, são as *malas de mão* que a luvaria Vicent apresenta!...

Com as cores mais requintadas, guarnecidas de ricos e artisticos fechos, são uma nota de originalidade e requinte na magnifica colecção da afamada Casa. Realcemos, ainda, os admiraveis—*ENSEMBLE*—denotando uma apurada visão artistica de quem os desenhou, como aquele que Madame Carmona, Ilustre Esposa do Chefe do Estado teve o bom gosto de adquirir, entre outros muitos objectos da Exposição.

A Ilustre Senhora ao inaugurar a primeira Exposição, foi prodiga, justamente prodiga em elogiar o esforço e a persistencia e a superior atitude da *Luvaria Vicent*, a Luvaria numero um do *nosso País*.

A exiguidade do espaço obriga-nos a ser breve. Não podemos porém, deixar de citar, o que ainda mais reforça as nossas palavras, a excelente profusão de *Cintos*—de belo valor artistico—de pulseiras lindissimas, de ricos adereços, e de luvas do mais variado gosto e cores para o sexo masculino em pelaria que rivaliza em qualidade com as fabricadas no Estrangeiro. Não se julgue, no entanto, que Vicent apenas se preocupa com o aspecto artistico dos seus artigos. Esse exemplo magnifico do que é um Comerciante—*criador de hoje*—procura para tudo o que sai das suas oficinas e expõe nas suas montras, as melhores materias primas.

Fabrica em peles de Moka, Rennes, Antilopes, Suédes, Chevreux, e todos nós sabemos o que elas valem. Por todo o Mundo são conhecidas e adoptadas. Queremos assim mostrar que a *Luvaria Vicent* apresenta artigos completamente identicos aos melhores artigos estrangeiros. E diga-se mais, porque é verdade—colecções assim, dum magnifico «Stock», não as ha nas Metropoles Europeias.

E' esta, de resto, a opinião de tantas Senhoras estrangeiras que visitaram a exposição, que, apenas, pecou numa coisa... a brevidade, um relampago que passou perante o gosto da nossa Sociedade Elegante.

Inumeras encomendas demonstram a excelente impressão causada na Capital do País pelas originais *criações de Vicent*.

Um artigo seu dá á Senhora que o use uma nota de requinte e elegancia que, outróra, só artigos Estrangeiros poderiam dar. E como nos é grato verificar que tudo, é obra de Portuguesas. Para essa Casa da Rua 31 de Janeiro 133 da Cidade Invicta, fundada pelo grande Industrial Adolfo Vicent e premiada em grandes exposições internacionais já falecido, vão, neste momento, não só as felicitações devidas mas ainda, o mais carinhoso reconhecimento por tudo o que tem feito a bem da nossa terra, do nosso nome de Pais progressivo. A quem deliberadamente, declara que em Portugal não se produz tão bem como no Estrangeiro, neste Ramo de Industria, deve-se dizer que mente.

E temos um auxilio poderoso neste exemplo citado.

Vicent trabalha com mãos Portuguesas, tão bem como as melhores casas do Mundo, e como Industrial Patriota. Vincent diz-nos que, mais uma vez, Portugal é um País onde o Progresso não é uma palavra vã, *e promete voltar a Lisboa para uma grande exposição na primeira quinzena do proximo mês de Dezembro*, e assim Vicent prova-nos que Portugal pertence á Europa dentro do triunfo da sua importante Casa Industrial.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1,1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371

HORARIO DE INVERNO

Partidas aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINÉ PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.

Informações: Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

BOLSA DE LISBOA

18 de novembro

CONTADO

VALORES	Nacionais	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936 s/j	957$00	956$00	959$00
» 4 0/0 1934 ..	980$00	—	980$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	2.220$00	2.218$00	—
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.031$00	1.030$00	1.032$00
» 4 3/4 1934 ..	—	—	—
» 5 1/2 0/0 1933	1.063$00	1.062$00	1.063$00
Externo 3 0/0 1.ª Série ..	1.714$00	1.713$00	1.715$00
» 3 0/0 2.ª » ..	—	—	—
» 3 0/0 3.ª » ..	—	1.718$00	1.725$00
Cautelas s/juro 3.ª Série	157$00	156$50	157$50
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	509$00	508$50	510$00
Espirito Santo port.	—	—	770$00
Lisboa & Açores, port..	—	373$00	375$00
Portugal, portador.....	1.120$00	1.108$00	1.125$00
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	240$00	240$00	242$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	—
» » privilegiadas	13$50	13$50	13$80
Aguas de Lisboa, port..	—	—	—
» » ass. 1934	—	143$00	—
» » ass. 1936	—	143$00	—
Credito Predial	16$40	16$20	16$40
Gaz e Electricidade.....	309$00	309$00	309$50
Portugal e Colonias.....	84$00	84$00	81$10
Navegação	104$50	104$50	105$00
Portuguesa de Pesca....	—	268$00	269$00
» de Tabacos.	—	402$00	402$50
Tabacos de Portugal....	—	360$00	370$00
Tabaqueira	514$00	512$00	515$00
União Electrica Portug.	183$00	182$00	184$00
COLONIA			
Açucar de Angola.....	—	372$00	375$00
Busi — 1.ª Emissão	47$00	47$00	47$50
» — 2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe, as.	—	380$00	405$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	217$00	217$00	217$50
Prediais 6 0/0 — 1932 1.ª S	90$50	—	—
» 7 0/0	102$50	102$00	102$50
União Elect. Port, 6 1/2 0/0	—	—	—
» » 5 0/0 ...	—	105$00	—
Busi 9 0/0.....	114$50	114$50	115$00
» 6 1/2 0/0.....	—	119$00	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres.....	110$00	110$20
Paris	$74,7	$74,8
Madrid	1$39,2	1$39,4
New-York	22$00,0	22$04,0
Zurich.....	5$09,0	5$10,0
Roma	1$15,8	1$16,0
Bruxelas	3$74,2	3$74,8
Amsterdam	12$19,6	12$21,9
Berlim	8$89,1	8$90,7
Praga.....	$77,4	$77,6
Rio de Janeiro.....	1$30,3	1$30,5
Libra ouro	—	—

Curso gratuito de Luminotecnia

De acôrdo com o programa organizado pela Secção de Propaganda da Comissão Luminotecnica Portuguesa, as C. R. G. E. (Companhias Reunidas Gás e Electricidade) vão iniciar na proxima segunda-feira, 22 do corrente, no seu edificio da rua da Boa Vista, um curso de Luminotecnia, para o qual chamam a atenção de todos os interessados.

As inscrições para esse curso gratuito recebem-se até ao dia 20 do corrente, na sede da Comissão Luminotecnica Portuguesa, praça dos Restauradores, 53, 1.º

BOX

Hoje ás 21.30 no **COLISEU**

Grande sessão internacional

Horacio contra **Viez**
Liberato contra **Jean Réal**
Serafim contra **Tourré**
Antonio Pina
contra
Joaquim Teixeira
Rebordão
contra
Alberto Barbosa
Jeronimo Gonçalves
contra
Antonio Augusto

6 COMBATES — 42 «ROUNDS»

VICTORIA BAR
APRESENTA:
CARMENCHU!

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

O Teatro Nacional inicia amanhã a representação duma nova peça. Representa, desta vez, o drama «Perdoai-nos, Senhor!», original do distinto dramaturgo Vasco Mendonça Alves, no qual reaparece a grande artista Lucilia Simões que continua a fazer parte da companhia do nosso primeiro teatro.

—Faz amanhã anos a actriz Elvira Velez, figura destacante do nosso teatro de comedia.

—O repertorio completo da companhia Adelina-Aura Abranches, na sua proxima «tournée», que se inicia no Barreiro, é constituido pelas peças: «A Milionaria», «A Severa», «Cinema» e «O Feitiço».

—Para a sua temporada no Porto, a companhia do Trindade, sob a direcção de Palmira Bastos, está repondo as comedias «Ama e Senhora», «Sete mulheres» e «Riquesas da sua avó»», que ali serão representadas com as actuais «Mamã bonita» e «Grades Floridas».

—A actriz Ema de Oliveira está trabalhando num filme, no Rio de Janeiro, para o qual firmou um contrato de trinta contos brasileiros.

—A companhia Maria Matos estreia-se hoje em Elvas, onde trabalha até ao dia 21, seguindo para Extremoz, onde termina, no dia 24, a sua digressão artistica.

—Para o elenco duma companhia de declamação foi convidada a actriz Alda de Sousa.

—Maria da Saudade a novel artista que vai encetar a carreira teatral, não tem qualquer afinidade com a poetisa do mesmo nome que, habitualmente, recita as suas produções num posto emissor de T. S. F.

—Está a organizar-se uma excursão de escritores e «habitués» de teatro que irá ao Porto na altura da estreia, ali, da revista «O Cartaz de Lisboa».

—Em Santarem está sendo reconstruido, dentro dos melhores preceitos modernos, o velho Teatro Rosa Damaseno, sendo animador destes trabalhos, moral e materialmente, uma figura prestigiosa daquela cidade.

—A popular vedeta Lina Demoel estreia-se amanhã, na revista do Apolo, «Pão Saloio», interpretando nos dois actos desta peça os numeros: «Morena», «Fado do Povo», «Mulher de armas» e «Bagos de ouro».

—Para a presidencia do Grupo dos Cem Amigos do Teatro vai ser convidado um homem de teatro cheio de qualidades de trabalho e de iniciativa.

—O Teatro Recreio do Povo, em Setubal, apresentará no começo do proximo mês uma companhia teatral de Lisboa, que ali dará uma curta serie de espectaculos.

—Entre as atracções da nova companhia de circo que tão grande ansiedade despertou já no nosso publico e que se estreia no proximo sabado no Coliseu, contam-se os formosos «4 U. S. A. Girls», bailarinas acrobaticas que vêm precedidas de grande fama.

«Cavaleiro sem Armas», no Odéon e Palacio

Um filme de Marléne Dietrich tem sempre interêsse para o publico, pela fama de que disfruta a actriz e pelos valores de que se rodeia. Desta vez a produção importou num milhão de libras e é de Alexander Korda, e a realização de Jacques Feyder; e em Londres, onde se exibiu com Douglas Fairbanks Junior, que é um excelente actor, descobriu Marléne, para este filme, Robert Donat, que passa por ser o primeiro galã de Inglaterra. De tudo isto não sai acrescentada, nem deminuida, a fama de Marléne, que atravessa todo o filme, situado na Russia revolucionaria, fugindo, com seu «Cavaleiro sem armas», da morte que os persegue. Apesar dos horrores da fuga, e de se vêr obrigada a vestir humildemente, Marléne não perde a elegancia, nem dispensa dois banhos magnificos, um na tina, envolta em espuma, outro na floresta, onde se entrega ao cavaleiro, sem armas nem bagagens.

O publico, que encheu os dois cinemas para vêr Marléne, gostou do filme, e riu francamente com dois complementos do programa, um a três mil metros e com comicas caídas em pára-quedas, e outro de bonecos animados, caricatura lirica admiravel.—*R.*

«Doidos & C.ª», no São Luiz

Parece que os melhores realizadores americanos... são europeus. E' o caso de Van Dyke, cuja arte, duma admiravel imaginação, renovou, por completo, os canones já velhos da cinematografia. Não se pode exigir do filme do São Luiz mais graça, mais espirito e mais fantasia A anecdota é ultra-moderna. Lê-se todos os dias nos jornais—e nem sempre se acredita. Uma milionaria desmancha o casamento, no proprio dia em que, na catedral de Westminster, a esperavam os acordes da *Marcha Nupcial*. O seu principe é, afinal, um tratante encasacado, que lhe avalia o amor em três milhões de dolares. A rapariga foge, perseguida por dois *reporters* audaciosos, mas de feitios diferentes, que passam a existencia a caçar sensacionalismos e a fazer partidas um ao outro Mas não devemos contar o entrecho trepidante, verdadeiro arabesco de excentricidade. Digamos, apenas, que a bizarria do titulo *Doidos & C.ª* é inteiramente justificado. Se a narrativa é fina, humoristica, impondo-se logo pela simpatia, o que dizer das *trouvailles* do realizador. Uma, por exemplo: a entrada de Joana Crawford e Clarck Gable no palacio de Fontainebleau. Os anacronismos e as estravagancias são deliciosos. Dansam o minuete e a rumba e o kinkajon. A certa altura, vêmo-lo de Luiz XV, chapeu de plumas, capa de mosqueteiro, espadim coruscante. Pouco depois, um velho guarda, que tem um cão imaginario — o episodio é estupendo — aparece-lhes, e toma-os como espectros. Isto que parece um contrasenso é descrito por Van Dyke admiravelmente. E' que o seu segredo talvez seja este: explorar o disparate, mas tornando-o verosimil, ligeiro e sempre ironico.

Ao lado dos três herois o outro é Franchot Tone, ha um casal, este de espiões, que dá os derivativos e multiplica as estravagancias, ao goste americano. Mas o estilo europeu fino e subtil, co mqualquer coisa que faz lembrar os jogos pinturais dum Watteau futil e precioso, lá está a afirmar as qualidades do criador da obra.

Dos interpretes pouco ha a dizer. E' um dos grandes trios de honra do cinema. A sua representação optimista é um autentico encanto. O seu trabalho parece muito facil, e talvez o seja, mas, pelo menos, são felizes. Ha nos seus olhos uma alegria que nunca se desmente. Quando os artistas conseguem dar-nos semelhante ilusão é porque são perfeitos.

Dos complementos destacamos o jornal de actualidades, com a China a arder, e uma novela curta policial, das da serie *Crime e Castigo*, que é um eloquente documentario sôbre a acção policial nos Estados Unidos.—*A. P.*

O circo, o espectaculo da alegria, sabado, no Coliseu

Onde encontrar o riso, o grande companheiro, que tanta gente procura em vão? Só nos espectaculos de circo que o Coliseu nos vai dar com a nova companhia que se estreia depois de amanhã sabado, e em que ha palhaços, o famoso Tótó, o chimpazé «gentleman» e outros numeros comicos. Só ali podem todos rir e rir a valer, despreocupados, encantados, felizes, com o riso saudavel da verdadeira alegria. Domingo: 1.ª «matinée». Amanhã: bilhetes á venda.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Loucura de Amor».
Apolo—A's 20 e 45 e ás 23—«Pão Saloio».
Eden—A's 21 e 30—«As Lavadeiras»
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23—«O Cartaz de Lisboa».
Trindade—A's 21 e 30—«Grades floridas».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Capitolio—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Lys—A's 21 e 15.
Odéon—As 21 e 15.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Royal—A's 21.
Rex—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

Eden HOJE ás 21 e 30
A grande opereta
"AS LAVADEIRAS"
que se representa
Só até domingo!

Novidades CINEMATOGRAFICAS

Uma artista no auge

Em cinema todos estamos habituados a sofrer a pesada sugestão da publicidade americana. O cinema americano quando lança um ou uma artista, fá-lo pelos mesmos processos por que lança uma marca de sabonetes ou de tacões de borracha. Inventa uma historia novelesca sobre o passado da artista, espalha milhões de fotografias dela pelo mundo, faz correr a noticia de que está apaixonada por um galã qualquer já lançado, depois, de dois em dois meses, dá-a como divorciada e casada com outro, mete de permeio a fantasia dum roubo ou dum desastre de que a artista foi vitima e, por fim, anuncia-a como protagonista num filme.

Vamos ver o filme e levamos já em nós a sugestão da sua beleza, da sua arte, da sua maneira de exteriorizar os sentimentos e quejandas coisas. A artista surge no filme e, sem querermos e ás vezes sem razão, começamos a sentir aquilo que a publicidade nos fez crêr que devíamos sentir. Não vemos, quantas vezes, que a artista tem maneiras de dizer, sorrisos, lágrimas, gestos, atitudes, tudo absolutamente standard, marca do realizador. E vimos para fora do cinema aumentar a aura da artista com uma opinião que tem pouco de nós proprios e muito da publicidade preparatoria.

E' isto o que não acontece no cinema francês. Cada artista de categoria tem personalidade e arte sua na interpretação das personagens. Uma Françoise Rosay, um Raimu, um Victor Francen, uma Marcelle Chantal, um Richard Willm, uma Gaby Morlay, não são a marca dum realizador, mas sim uma marca propria e do proprio talento.

Não existe uma publicidade a criar ambiente a qualquer artista. Este conquista a admiração e apreço do publico a golpes de talento, se o tem; se não o tem, desaparece no fundo dos insignificantes.

Tudo isto vem a proposito da colossal interpretação de Gaby Morlay no papel de Lisa, no filme «Noites de Fogo». Não se pode representar melhor, não se pode interpretar melhor o amor, a dôr, a desilusão, a esperança, tal como uma mulher europeia a sente de verdade. E para conseguir estes efeitos Gaby Morlay não lança mão das atitudes vampescas, das vozes profundas, dos gestos de desespêro estanderdizados. Nada disso. Os olhos de Gaby Morlay fazem-nos compreender em cada cena o que vai na alma da personagem. Em todo o filme falam mais os olhos que a bôca. E tuda nela é comedido, é natural, é real, é tal como se passa entre nós europeus, com a nossa psicologia propria.

Gaby Morlay em «Noites de Fogo» atingiu o apogeu na arte de representar para o cinema.

Neste filme toda a sua actuação gira dentro duma triangulação constituida por Victor Francen, Signoret e Georges Rignaud, três artistas de raça. E Gaby Morlay, pequenina, toda envolta em peles, quasi só se lhe vendo o rôsto, quasi sem se mexer, enche o ambiente, faz-nos passar pelas mais variadas sensações, quasi só com os seus olhos, com as linhas expressivas do seu facies, com as tonalidades da sua voz pequenina.

«Noites de Fogo», se não fôsse um grande filme realizado por Marcel l'Herbier, se não tivesse um argumento cheio de motivos que nos prendem, se não fôsse interpretado pelos ases do cinema francês, era ainda um filme estupendo só pela actuação de Gaby Morlay, cuja categoria alcançou não com publicidade, mas com demonstrações colossais de talento.

Annabella

Eis outra artista francesa que venceu sem necessidade de escoras de publicidade. Venceu porque a sua arte se impunha. A America, que espreita os artistas europeus que lhe convêm para dar vida aos seus filmes, arrebatou Annabella para Hollywood.

No entanto, antes de partir, ela iluminou com centelhas do seu grande talento de artista alguns filmes, dos quais ha que destacar «A fortaleza do silencio», onde ao lado de Pierre Renoir, o inconfundivel 2.º comandante da «Vespera de combate», do irresistivel comico Larquey e do galã de coturno Bernard Lancrey, realiza uma criação soberba, superior, que mais valoriza essa super-produção que se chama «Fortaleza do Silencio».

«Récord» de bilheteira

O filme português que bateu o «récord» de bilheteira foi «Maria Papoila», de Leitão de Barros. Foi o que em menos tempo, durante a exibição no cinema em que se estreou, deu maior receita. A seguir a estatistica diz-nos que foi «Bocage», tambem de Leitão de Barros. E um e outro fôram estreados no Cinema Condes.

PALMIRA BASTOS
— NO —
TRINDADE
é a figura que afirma, entre um notavel grupo de artistas, o triunfo monumental de
Grades Floridas
A mais linda peça que Lisboa tem aplaudido
HOJE: A's 9,45 h.

INDESTRUTIVEL!!!
é o sucesso enorme que ha dois mezes impõe ao Publico
a revista do MARIA VICTORIA
que é o espectaculo das grandes multidões
O Cartaz de Lisboa
A's 8,45 e 11 horas

APOLO
HOJE: A's 8,45 e 11 horas
A REVISTA DOS SUCESSOS
Pão saloio
AMANHÃ:
Estreia nesta revista da popular vedeta
LINA DEMOEL
EM
4 — NUMEROS DE EXITO — 4

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Telef. 2 7172 — Doidos & C.ª — um filme de Van Dyke com Joan Crawford, Clark Gable e Franchot Tone

CENTRAL TEL 24381 — Soirée ás 21 e 30 — Demonios do mar — com Victor Mac Laglen, Ida Lupino e Preston Foster

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6283 — PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163 — Cavaleiro sem Armas — uma produção de Alex. Korda, realizado por Jacques Feyder com MARLENE DIETRICH e ROBERT DONAT

CAPITOLIO — Tel. 27493 A's 21 — Maria Papoila — SEVERA

JARDIM CINEMA — A's 21 — Tel. 6 3065. — A Filha do Bosque Maldito — A vida de Pasteur

LYS — Telef. 4 8560 — Sublime Expiação — TUNDRA

TIVOLI — TELEF. 5 0595 — Nobreza Cigana — com Annabella e Herry Fonda

CONDES — A's 21 e 30 — TEL. 22523 — Ultima — Falsos Viuvos — comedia engraçadissima com o popular comico Duvallès e Alice Ffeld

PARIS — Tel. 6 2130 — A's 21 h. — Cantemos outra vez A VOZ DO AMOR — com Sirley Pons

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 e 15 — Irmãos gemeos — A Grande Parada — Canção Nacional pelos cantadores do Retiro da Severa.

TERRASSE — Tel. 2 0917 — Rei dos optimistas — TUNDRA

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21 — O morto que voltou á vida — MIL APOTEOSES

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — BEN-HUR

O TEMPORAL REINANTE

—o-o—

Deve passar esta noite

pela costa portuguesa

o centro do ciclone vindo dos Açôres

O temporal que ha três dias se tem feito sentir no país, causando grandes prejuizos, foi hoje mais violento, embora a chuva não fôsse tanta como a de ante-ontem.

Os serviços meteorologicos do Ministerio da Marinha, que ha três dias vêm assinalando mau tempo, esperam, no entanto, que este comece a melhorar amanhã.

O centro do ciclone, que vem dos Açôres, por onde passou ontem, deve ainda esta tarde ou hoje á noite passar pela costa de Portugal.

Uma forte ventania fez-se sentir durante o dia na cidade e nos arredores, originando prejuizos em algumas linhas telefonicas e telegraficas, derrubando arvores, beirais, telhados, etc.

A chuva, embora menos intensa que nos dias anteriores, produziu estragos e algumas inundações.

Durante a manhã e parte da tarde, receberam-se no batalhão de Sapadores Bombeiros varios pedidos de socorros, seguindo imediatamente pessoal e material para os locais donde fôram feitos.

Na rua Pinheiro Chagas, 4, 1.º, verificou-se uma inundação, sem importancia de maior. Os bombeiros acorreram tambem á alameda das Linhas de Torres, 25, e á Vila Feijó. Fôram arrombadas as sargetas, a-fim-de se dar vazão ás aguas.

Devido á infiltração das aguas da chuva, desabou uma porção de terra na rua Feliciano de Sousa, não havendo, porém, perigo para os transeuntes. Na estrada de Benfica, 310, tambem se registou uma inundação.

Na rua das Hortas, a Pedrouços, os bombeiros tentaram fazer a evacuação das aguas, rebentando as sargetas. Estes esforços, porém, não deram resultado, em consequencia da mará estar a encher. Neste local ha moradores bloqueados pela agua.

Na travessa Particular, á rua Possidonio da Silva, abateu uma barreira para cima de uma casa abarracada, colocando em risco iminente outras barracas anexas. Os seus pobres inquilinos foram intimados a sair imediatamente, visto correrem preigo. Felizmente, não ha desastres pessoais.

A's 15 e 30, de Alhandra e de Vila Franca, onde se registam grandes cheias, chegaram repetidos pedidos de socorros, devido a correrem perigo algumas embarcações.

Seguiu para o local o vapor «Capitania», da Policia Maritima, a-fim-de prestar a assistencia necessaria.

O oitavo aniversario da eleição

do sr. Cardial Patriarca

Comemorando o oitavo aniversario da eleição do sr. Cardial Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, figura a todos os titulos prestigiosa, celebrou-se hoje missa cantada em acção de graças, na igreja de S. Domingos, que está a servir de catedral.

A cerimonia começou ás 11 horas com a assistencia dos srs. arcebispo de Mitilene e bispo de Vatarba.

O cabido da Sé encontrava-se representado pelos conegos dr. Manuel Anaquim como Deão da Sé, dr. Pereira dos Reis como arcipreste, Mora, como mestre de escola e Fiadeiro, Alberto e Rego.

A' missa, que foi celebrada pelo conego dr. Carneiro Mesquita, secretario particular do sr. Cardial Patriarca, acolitado pelo beneficiado Filipe Cardoso e um seminarista dos Olivais, tendo como mestre de cerimonias o dr. Honorato Monteiro, assistiram os priores do Patriarcado, irmandades do Santissimo e muitos fieis.

Os seminaristas dos Olivais tiveram a seu cargo a parte coral.

Pelas 17 horas, reuniram-se no palacio do Campo de Santana, onde se encontra instalado o Patriarcado, todos os componentes do cabido da igreja patriarcal, o clero paroquial e não paroquial, o clero regular, os dirigentes da Acção Catolica e os benfeitores dos seminarios, que cumprimentaram o chefe da Igreja portuguesa.

TAPETES PORTUGUESES

Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais* — Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

O MOMENTO INTERNACIONAL

A missão de que foi encarregado Lord Halifax

é considerada uma das mais dificeis dos ultimos tempos

PARIS, 18.—Ocupando-se da viagem de lord Halifax a Berlim, o «Petit Journal» escreve:

«Se os dirigentes do III Reich estão, verdadeiramente, nas disposições que lhes atribuem, a missão de informação de Lord Halifax será das mais dificeis. Convem não esquecer que, quando das visitas de Eden e Sir John Simon a Hitler em 1935, o Fuehrer absteve-se cuidadosamente de revelar os pormenores da sua politica. O ministro inglês poderia dizer, em Berlim e em Berchtesgaden, que as declarações de principio são insuficientes para orientar o governo britanico na sua tentativa de aproximação anglo-alemã».

Em «L'Oeuvre», Madame Tabouis, diz:

«Em Berlim dizia-se ontem á noite, que Lord Halifax teria, apesar de tudo, comunicado a Von Neurath que faria algumas preguntas, embora não obtivesse para elas respostas precisas. Entre essas preguntas figuraria uma, que retinha particularmente a atenção do gabinete britanico, a de saber se o Fuehrer continua nas mesmas disposições do ano passado no que respeita ao seu desejo de adiar a discussão sobre o problema colonial até que chegue o momento de reformar o pacto da S. D. N. Tal reforma permitir-lhe-ia regressar ao seio da instituição genebrina».

Lord Halifax acrescentou que faria tambem preguntas acêrca da Europa Central, ao que Von Neurath teria respondido reiterando as informações que precedentemente lhe dera quanto ao desejo do Fuehrer de não se abordar problema algum em pormenor e de se abordar o problema geral da Europa apenas pelo seu lado filosofico—(Havas).

Um almoço em honra de Halifax

BERLIM, 18.—O barão von Neurath, ministro dos Negocios Estrangeiros do Reich, ofereceu ontem um almoço em honra de Lord Halifax, actualmente em Berlim, para visitar a exposição de caça. A' recepção assistiu tambem Sir Neville Henderson, embaixador da Grã Bretanha em Berlim.—(D. N. B.).

A missão do conde de Volpi á capital inglesa

LONDRES, 18.—Diz-se que o conde de Volpi, antigo ministro das Finanças italiano e presidente da Confederação Fascista dos Industriais, que se encontra actualmente em Londres, parece ter sido mal sucedido na missão de que Mussolini o encarregou: contrair um emprestimo na «City».

A este respeito o «Daily Herald» escreve:

«O Duce sabe que a concessão directa dum emprestimo ao governo italiano está politicamente fora da discussão. Mas a concessão dum emprestimo á industria italiana deve ter tido o mesmo resultado imediato.

Parece que Volpi queria um credito de 20 a 30 milhões de libras durante dois ou três anos. Todavia não encontrou para o seu pedido qualquer incitamento. Mesmo nos circulos favoraveis á Italia sob o ponto de vista politico, prevalece a opinião de que emprestar dinheiro ao governo italiano, por mais elevado que seja o juro, é um jogo muito arriscado para os banqueiros prudentes. A' excepção de creditos comerciais a curto prazo, não é de presumir que qualquer instituição privada pense em emprestar dinheiro á Italia sem garantia da Tesouraria ou do Banco de Inglaterra.

Ora é coisa sabida que não existe a menor probabilidade de ver conceder uma garantia daquela especie, enquanto a politica italiana continuar a ser o que é».—(Havas).

O GENERAL GOERING

com quem Halifax deve conferenciar

A viagem de Leopoldo II a Inglaterra

LONDRES, 18.—O «Times» escreve acêrca da recepção ao rei dos belgas em Londres:

«Leopoldo III disse que Londres é o centro financeiro, intelectual, politico e economico do Imperio, onde se repercutem todas as inquietações do mundo. Daqui segue-se que a Grã-Bretanha tem responsabilidades especiais e que o mundo tem o direito de esperar que ela desempenhe um papel de primeiro plano na dificil situação actual.

Nenhum inglês contestará o diagnostico do rei Leopoldo relativamente á doença mundial. O apêlo comovente que o rei fez será ouvido. Só a colaboração da Grã-Bretanha com os Estados Unidos pode trazer o apaziguamento economico mundial. E' animador saber que têm feito progressos as conversações tendentes á assinatura dum tratado de comercio anglo-americano, primeiro passo indispensavel para uma mais ampla cooperação entre os dois paises».—(Havas).

O estado das negociações comerciais anglo-americanas

LONDRES, 18. — Julga-se saber que serão feitas esta tarde declarações simultaneas, em Londres e Washington, anunciando que as conversações preparatorias fizeram nos ultimos meses progressos suficientes para tornar posisvel a abertura de negociações comerciais oficiais, proximamente, entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos.—(Havas).

Satisfação em Berlim

BERLIM, 18.—O debate de ontem, na Camara dos Lords, acêrca da questão colonial, foi acolhido em Berlim com grande satisfação e as declarações de lord Plymouth, assim como as dos outros oradores, são largamente reproduzidas. Os circulos politicos alemães vêem nelas o desejo sincero de se considerar abertamente o problema colonial.—(Havas).

O barão Constantino Von Neurath, ministro dos Estrangeiros do Reich, era, até ha pouco tempo, uma personalidade estimada nos meios oficiais da capital inglesa. Foi em Londres que iniciou, em 1903, a sua carreira; e quando voltou a esta cidade, em 1930, com a categoria de embaixador do seu país, as provas inequivocas de respeito e consideração que recebeu mostraram-lhe significativamente, que uma boa parte das recordações da guerra ia já esquecida e que era possivel estabelecer em novas bases a amisade anglo-germanica.

Na côrte britanica estimavam sinceramente Von Neurath, e a rainha Mary não se esquecera de que o conhecia desde o tempo em que, sendo apenas princesa de Teck, o pai do barão ocupava um dos mais altos cargos junto do rei de Wurtemberg.

Foi em consequencia dessa situação especial que a coligação parlamentar e governamental que dirigia a Alemanha nessa epoca, aceitou calorosamente a indicação deste diplomata de carreira para dirigir os negocios da Wilhelmstrasse e ainda em virtude dela que o presidente Hindenburgo fez da permanencia de Neurath no seu posto uma condição indispensavel á entrega do poder ao nacional-socialismo.

E' possivel que a ultima e espectaculosa exibição do velho diplomata germanico, envergando o uniforme de oficial das S. S., o tenha, de alguma maneira, deminuido aos olhos dos seus amigos ingleses; Von Ribbentrop, a esse respeito, poderia ter-lhe fornecido esclarecimentos proveitosos, oferecendo á sua reflexão o exemplo dum negociador feliz, naufragado no dia em que a sua inconsideração de partidario entusiasta o levou a introduzir a saudação nazi, com escandalo do protocolo, junto da familia real inglesa.

De qualquer maneira Von Neurath tem sido apreciado, em Londres, pelo seu real valor de diplomata cauteloso e seguro, conhecendo a profissão nos mais pequenos pormenores e cujo patriotismo ardente e experimentado lhe não impede uma visão justa dos acontecimentos que decorrem e das teses que se afrontam. E' voz corrente que, em muitas circunstancias dificeis, ele tem sido a voz moderadora capaz de dominar o romantismo politico de alguns doutrinadores do III Reich.

Por tudo isso é natural que Lord Halifax procurasse colher, antes de se avistar com qualquer outra personalidade, as opiniões e os conselhos autorizados do chefe oficial da diplomacia germanica. Como quasi certo que, em seguida, desejará ouvir o general Herman Goering, presidente do Conselho da Prussia, ministro do Ar, presidente do Reichstag e realizador do plano quadrienal, diplomata tambem nas horas vagas e, nessa qualidade, verdadeiro animador do eixo Roma-Berlim e duma intima aproximação com a Polonia.

Von Neurath representa o sentido tradicional da diplomacia germanica, que inspirou Bismark e Bulow, Kiderlen e Stressmann; Goering significa a audacia fria que levou á ocupação da Renania e ao rearmamento macisso do Reich. A media dará a Lord Halifax os elementos de informação indispensaveis para atacar a sua ardua conversação com o Fuehrer.

Negociações concretas sobre determinados pontos, como o problema colonial, a Europa Central e Oriental e a guerra de Espanha? Exame geral da situação, sob o ponto de vista politico, encarando a reforma da S. D. N. e o regresso da Alemanha a este organismo? Ou simples debate de idéas, pondo em relêvo os contrastes flagrantes, entre a concepção germanica e a concepção britanica, quanto aos assuntos de que depende o futuro do nosso continente e da nossa civilização?

As três hipoteses são de considerar neste momento. A preferencia, dada a uma ou outra, póde determinar o exito ou o malôgro das negociações oficiosas que o chefe do governo britanico acaba de impôr.

RETIRO DA SEVERA

HOJE, ás 21 horas — NOITE DA MODA — Por gentileza da Empreza Lopo Lauer, exibição da distinta artista

HERMINIA SILVA

Maria Emilia Ferreira, Judite Pinto, Alfredo Duarte (Marceneiro) e Vitor Daniel **Amanhã,** por especial deferencia da Empreza Antonio Macedo, exibição da distinta artista

BERTA CARDOSO

Jantares a 12$00 **ENTRADA FRANCA**

Sensacional

Dois unicos

do canto

PETER EN

Lieds e trech

no **TEATRO**

AZARES DA VIDA!

Foi presa uma ladra

precisamente quando ia transformar-se em "senhora"...

Na segunda feira ultima, a Policia de Investigação Criminal recebeu das autoridades de Viana do Castelo um oficio pedindo a captura de Casimiro Pereira e de Maria da Hora Gonçalves Brota, e a apreensão de todos os valores encontrados ao casal.

Foi encarregado de os prender o agente Robalo, que depois de varias peripecias conseguiu deitar-lhes a mão, num quarto que os pombinhos tinham alugado em casa dum professor da Policia.

Preso o casal, e conduzido para o Torel, onde foi identificado no Posto Antropometrico, veio a averiguar-se que a Maria da Hora tem nada menos que nove prisões por varios roubos, que praticou como criada de servir.

O Casimiro Pereira, ao ter conhecimento do passado da sua companheira, começou a chorar convulsivamente.

O agente observou-lhe:

—Porque chora, você?

—Eu julgava que ela era uma mulher séria e ando metido com uma ladra.

E um pouco mais resignado:

—Ha males que vêm por bem. Calcule o sr. agente que eu andava a tratar dos papeis para me casar com aquela mulher. Veja o que me estava reservado!

Por sua vez a Maria da Hora, ao saber que o seu companheiro tinha conhecimento do seu passado, pediu ao agente para convencer o Casimiro de que ela era uma pessoa de bem e de que a sua prisão era motivada por um equivoco, solicitando-lhe ao mesmo tempo que ele fosse padrinho do casamento.

—Como quere você que eu faça isso, se a sua prisão é pedida pelas autoridades de Viana do Castelo?

—Azares da vida! Agora que eu ia ser uma senhora... Se me deixasse estar em liberdade mais três dias...

A Policia de Investigação Criminal aguarda que as autoridades de Viana do Castelo venham buscar os detidos.

Disposições camararias

sôbre funerais

Na sessão de hoje na Camara Municipal foi apresentada uma proposta, já sancionada pelo ministerio das Obras Publicas e Comunicações, e pela qual não será permitido nos locais donde saiam os funerais estacionamento de automoveis de aluguer, o qual será regulado pela P. S. P.

Em condições normais de transito o andamento dos cortejos funebres, quando constituidos unicamente por automoveis, não deverá ser inferior a 20 quilometros por hora. Quando se possa prevêr aglomeração de viaturas no local dos saimentos funebres, tal que dificulte a circulação, deverá o agente ou encarregado do funeral comunicar o facto á Secção de Transito da P. S. P. com antecedencia de duas horas.

As penalidades por infracção serão as seguintes: pela 1.ª transgressão a multa de 25$00, aplicada aos condutores dos veículos, acrescida dum terço na reincidencia; pela 2.ª transgressão 100$00 aplicada ao agente ou encarregado do funeral, acrescida dum terço na reincidencia. A importancia das multas aplicadas dará entrada nos cofres do Estado sob a rubrica *Receitas nos termos do Codigo das Estradas*. Esta postura entrará em vigor oito dias depois de afixada nos locais do costume.

Representantes do Municipio em Paris

Na mesma sessão foi proposto pelo presidente, sr. general Daniel de Sousa, e aprovado, que se exare na acta o profundo reconhecimento da Camara Municipal de Lisboa á Municipalidade de Paris pela expressiva e amabilissima recepção feita á delegação que ali foi retribuir a visita feita em maio dêste ano á nossa capital pelos seus representantes.

Igualmente foi proposto que este voto fôsse extensivo ao vice-presidente, sr. major Salvação Barreto, e ao vogal, sr. major Beires Junqueiro, pela inteligencia e distinção com que representaram em Paris a Camara Municipal de Lisboa.

Por fim, o vice-presidente, sr. major Salvação Barreto, apresentou uma proposta aprovando o caderno de encargos para as fundações do frigorifico do novo matadouro de Lisboa.

INQUERITO AOS LEITORES

Porque se compra o jornal?

Ninguem quere que os jornais acabem

O jornal foi primitivamente uma necessidade—quando ainda não existiam os «placards» luminosos, os aparelhos de radio e os documentarios cinematograficos; o jornal, então, livre de concorrencias, sózinho na liça, informava-nos calmamente, vagarosamente, acêrca do que acontecia pela cidade, pelo pais, pelo mundo; depois, de tempos a tempos, o jornal publicava o nosso nome, lisonjeava agradavelmente a nossa vaidade, noticiando em breves ou alongadas linhas qualquer minimo ou avultado acontecimento ligado de perto ou de longe á nossa vida; os seus ecos, de mais a mais, bastavam á vibração das nossas paixões politicas; as suas divagações contentavam os nossos enseios de cultura; os seus folhetins satisfaziam as exigencias da nossa imaginação. Por isso tudo o compravamos, o liamos e o estimavamos—chegando mesmo a encaderná-lo como se encaderna um livro raro, uma preciosidade bibliografica. Conheci, por exemplo, umas senhoras idosas, que tinham na sua estante, ao lado do padre Antonio Vieira e do padre Manuel Bernardes, anos completos da «Nação»—encadernados com luxo, com esmero e com carinho!

Mas agora? Agora—que ha os «placards» luminosos, sinteses electricas do globo terrestre? Agora—que ha os aparelhos de radio, onde a distancia se apaga, se anula? Agora—que ha os documentarios cinematograficos, onde a imagem movimentada, sempre eloquente, substituiu as palavras sempre palidas e as gravuras sempre incompletas?

Agora, se é certo que já não encadernamos preciosamente o jornal, se é certo que já não lhe reservamos um canto da nossa biblioteca, não é menos certo que ainda o compramos, ainda o lemos, ainda o estimamos, como se estima um velho amigo, um amigo seguro, de seguro juizo.

Porquê?

Começa aqui o inquerito.

Responde um funcionario publico—pessoa daquela idade indefinida que vai dos quarenta aos sessenta anos. Não quere que o seu nome apareça no jornal—no que revela uma apreciavel prudencia ou uma louvavel modestia. Pessoa de ordem e de principios respeitabilissima:

—Porque compro os jornais? Olhe. Não sei. De manhã, quando vou para a repartição, compro um, dobro e meto no bolso. A' tarde, quando venho da repartição, compro outro, torno a dobrar, torno a meter no bolso. Quem lê os jornais, lá em casa, é a minha filha. E é ela que me conta essas desgraças todas que vão pelo mundo...

—Nesse caso, se os jornais acabassem, você, decerto, não sentiria muito a sua falta.

—Eh! Isso sentia! Compreende? E' que tenho este habito de comprar o jornal todas as manhãs e todas as tardes...

Responde uma rapariga de vinte e cinco anos. Chama-se Clotilde Nunes e trabalha em casa como dactilografa:

—Só compro os jornais quando ha algum crime. Como não sou politico, não me interessam as guerras, nem as revoluções. Os crimes, em compensação, interessam-me doidamente.

—E se os jornais acabassem?

—Não acabam.

Tranquilizem-se os jornalistas que julgam ameaçado o seu futuro profissional pelas conquistas maravilhosas do nosso seculo; tranquilizem-se e admirem a bela confiança desta rapariga que passa os seus dias, como eles, entre letras...

Responde uma rapariga de vinte e oito anos. Chama-se Maria Augusta Seabra e é modista:

—Tenho um aparelho de radio, mas acredito mais nas coisas que vejo no papel, em letra redonda.

—Palavras, levam-nas o vento—digo-lhe eu.

Concorda inteiramente:

—Isso mesmo.

A senhora Genoveva é porteira. Uma velhice sossegada, pachorrenta, simultaneamente benevola e ceptica em face dos pecados da mocidade.

—Estas raparigas de hoje são o diabo—afirma ela, referindo-se ás criadas do seu predio. E tem um gesto, tem um sorriso: o gesto condena; o sorriso absolve, perdôa.

Responde:

—Se compro os jornais? Compro, sim, senhor. Mas agora já não ha folhetins bonitos.

E fala-me das «Duas garotas de Paris», do «Chéri-Bibi», da «Rainha maldita», folhetins doutros tempos, onde havia raptos, duelos, grandes amores, coisas monstruosas e coisas comovedoras.

—Muitas lagrimas chorei eu por causa das duas garotas!

—Importava-se que os jornais acabassem?

—Lá isso importava-me, sim, senhor.

—Porquê?

—Porque de vez em quando sempre fazem um concursozinho...

Responde agora, como fecho do inquerito, um estudante universitario. O nome não se diz; saiba-se, porém, que se trata dum rapaz simpatico, inteligente e culto.

—Compro, sim; compro um diario da manhã e outro da tarde. São, por dia, oito tostões para jornais; são, por mês, vinte e quatro escudos. Vinte e quatro escudos numa mesada de oitocentos! Mas não dispenso os jornais. Isto é um vicio como o tabaco ou como o cafe.

—E lês os jornais que compras?

—Leio o cartaz dos cinemas, a secção do estrangeiro e alguns «fundos». Por cima do resto dou apenas uma vista de olhos...

—Imagina que os jornais acabavam. Faziam-te falta?

—Para mim era como se os cafés fechassem.

* * *

A este inquerito sem pretensões, rapido e raso, outro se podia seguir—igualmente sem pretensões:

—«Quando lê o seu jornal?».

Mas todos nós sabemos que o jornal se lê na cama, pela manhã, enquanto se toma o café com leite; se lê no electrico; se lê á mesa, depois do jantar—ou na sala, em serão familiar—ou ainda no cinema, durante os intervalos.

DUTRA FARIA

UMA LINDA IDEIA

As crianças de Lisboa

tiveram hoje

a sua "merenda de outono"

Uma festa de crianças pode não ter outra coisa, mas alegria não lhe falta.

Se é num teatro, o que se passa na plateia é talvez mais interessante, do que a ficção cenica, por muito bela que seja. Foi o que esta tarde sucedeu no Eden. O sr. governador civil que, com tanta dignidade enverga a sua farda de militar, teve uma idéa gentil: convidar os miudos pobres de Lisboa para uma linda festa. A merenda foi um pretexto. A Maria das Neves, a lavar no rio, cotovia embriagada de sol, e os filhos de Walter, em concertistas, eram a surpresa. Nunca aquele teatro teve um publico tão vibrante e entusiasta, que ria e chorava, e aplaudia, mesmo quando não entendia. Ao principio a policia procurou conduzir para os seus lugares a torrente infantil que, desde manhã, aguardava a abertura das portas. Mas depois foi impossivel. Deu-se uma invasão repentina tumultuosa, com gritos e assobios:

—*Eh, Manel, anda para aqui!*

Manel, que já se havia instalado, no balcão, como um grã-duque, repoltreado em bom *maple* de pergamoide, *arranchára* com a malta de Alfama. Instantaneamente todos os lugares se encheram. O teatro parecia uma gigantesca gaiola de passaros delirantes. E' que muitos, coitaditos, nunca haviam entrado num teatro, e aquelas luzes quentes, doiradas, deslumbravam-nos.

O que se iria passar? E os olhos fitos, dilatados de sonho, fixavam-se, no palco, como numa caixa fechada de brinquedos. Quando subiu o pano de cobre, só por ele subir, uma manifestação estrondosa, rebentou como um motim, na plateia, e elevou-se, subiu, numa fermentação fantastica, até lá acima ao castelo da geral, cheio como um ovo. O sr. coronel Lobo da Costa, quando apareceu no camarote, contemplou, maravilhado, o seu generoso campo de batalha. E foi sob o fogo de palmas vivas, em rajada de metralhadora, como na parada do seu quartel, que teve de esconder-se.

Outro tanto sucedeu, quando pouco depois surgia a esposa do Chefe do Estado, que foi obrigada a levantar-se para agradecer a manifestação.

Mas a musica toca os primeiros acordes das *Lavadeiras*, essa aguarela fresca de costumes, pintada na varzea de Colares, á beira dum rio cristalino. As artistas, com os seus trajos garridos, eram para eles como bonecos de estampar, tão bonitos como os que se vendem nas capelistas. E a musica? Nem na telefonia! Quando o burrico entrou em cena, *com a pedra no sapato*, a gritaria tornou-se ensurdecedora. Aos mais miudos, ainda de colo, que da ilusão dos *bonitos* só conhecem uma róca, as mães explicavam o que se passava lá ao fundo, no palco, naquele mundo deslumbrante de luz. E vieram depois, no acto de variedades, o Alvaro Correia Lemos e a Miluzinha dizer coisas engraçadas para os seus irmãos pobrezinhos, coisas com que vão sonhar, nos seus catres frios, uma semana grande de recordações; e, a seguir, os pequenos Walters, que herdaram o talento do pai, a quem Lisboa pagou com a negra ingratidão da miseria.

Mas não vale a pena ferir a sensibilidade. A festa vai linda. Chove lá fora, mas ha sol aqui e se o Eden é o Paraíso, Deus cobriu-o hoje de flores. Vai agora falar o sr. Antonio Reis Duarte, da Brigada Naval e da «Legião Portuguesa», encontrando as notas justas que vibram de entusiasmo nos pequenos ouvintes. Bandeira de Portugal, todos te conhecem!

E as almas marcham no clangor mais alto dos clarins.

Viajantes

Regressaram de Paris, Londres e Bruxelas, onde visitaram diversos centros produtores de tapetes, os nossos amigos srs. José Antonio Pereira e Fernando Quintão Pereira, da conhecida Casa Quintão, da rua Ivens.

Barbosa & Costa L.da
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
apresentam o novo tapete **HALCÁ**
O melhor tapete Portuguez
com preços de concorrência
Grande **stock**
Telefone 23562

O melhor Bolo-Rei
PATISSERIE VERSAILLES

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

Teatro Nacional
Hoje: Ultima representação da
LOUCURA DE AMOR
em recita popular
A manhã 19: «**PERDOAI-NOS, SENHOR!**», de **Vasco Mendonça Alves**

ANTIGO SOLAR DA ALEGRIA
P. Alegria, 56—Tel. 2 4290
HOJE—**Rosa Costa, Candida Pinto, Filipe Pinto, Tita,** e o mais completo concertista de acordéon, **Manuel Aleixo.** Variações de guitarra por **Fernando Freitas** e **Armando Machado.**

MOBILIAS DA GRANJA
Se V. Ex.ª vai mobilar a sua Casa visite primeiro as suas exposições de mobilias e tapetes, onde encontrará sempre os mais belos modelos. C. Sacramento, 6 (ao Chiado) Lisboa

Retiro da Severa (Cine-Rex)
Rua da Palma
Adelina Silva, José Porfirio, Xavier Pinto (Rouxinol do Minho. **Sabado, 20**—Grandioso programa de fados. Inauguração dos bifes á «Rex».—Entrada franca.

concertos
r alemão
JELHARD
os de Opera
NACIONAL
Sensacional

O dia religioso

AMANHÃ, 19—Santa Isabel da Hungria, viuva.

Lausperene, está na igreja de S. Jorge de Arroios, ás 9, missa por alma dos irmãos; ás 21, Triduo á Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, por musica.

Exposição de imagens do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

DE LUTO

Menina Maria do Carmo Mendes Soares

Faleceu na residencia de seus pais a menina Maria do Carmo Mendes Soares, de 7 anos, filha do sr. Luiz Carlos Soares, empregado na casa Cabral & Silveira, L.da e da sr.ª D. Aurora Mendes Soares.

O funeral realiza-se amanhã, ás 15 e 30, para o cemiterio dos Prazeres.

Funerais e Trasladações
AGENCIA ALVES
44 — Rua Nova da Trindade
Telefone 2 7523
113 — Avenida Almirante Reis
Telefone 4 1602

Desastres de viação

Foi hoje atropelado por um automovel, na rua da Escola Politecnica, e recolheu á sala de observações do hospital de S. José, com varias contusões, Adelino José Pereira Monteiro, de 12 anos, morador em Arcos das Aguas Livres, 420.

—Deu entrada na sala de observações do hospital de S. José Maria Rosa, de 49 anos, residente em Loures, que foi colhida por uma bicicleta, proximo da sua residencia, e ficou com muitos ferimentos na cabeça.

«LEGIÃO PORTUGUESA»

Brigada Naval

Os legionarios da Brigada Naval que pertencem ás guarnições A, B, C, D, devem comparecer na brigada a-fim-de receberem instruções para o proximo domingo, 21.

ALUGA-SE

3.º andar, central, de esquina, 12 amplas divisões, comercio, escritorios, moradia, duas entradas, 700$00. Trata-se R. Cruz dos Poiais, 1, 1.º.

TOME CAFÉ
d'A Mariazinha

A vista é o nosso dom mais precioso; cuidar dela é conserva-la. Não privem pois os olhos de luz abundante e racional!

MELHOR LUZ • MELHOR VISTA

COMISSÃO LUMINOTECNICA PORTUGUESA
Praça dos Restauradores, 53, 1.º Telef. 2 3997

Exposição de T. S. F.

Os maravilhosos modelos PHILIPS da nova época estão expostos na Sala de Exposição da PHILIPS PORTUGUESA Avenida da Liberdade n.º 3, que está patente ao publico até ao dia 20 (inclusivé), das 21 ás 24 horas

Oportunidade para escolherem agora o seu receptor

Se as mulheres soubessem...

...não invejariam certos rostos de tez adorável. É o pó REVE D'OR de L. T. Piver o responsável dessas tez tão frescas, tão juvenis, tão encantadoras, que certas mulheres possuem. Adopte também REVE D'OR, aderente, fino, impalpável.

RÊVE D'OR
L. T. PIVER
Rua Saraiva de Carvalho, 207-B LISBOA

NAVAS

O PEQUENO IMPACIENTE

Eis um peliz que protesta, e com tôda a razão, contra o atraso de que é vítima.

O que faria êle, se soubesse que a sua querida mamã podia muito bem evitar isso comprando um Fogareiro Vacuum, que faz a pápa num instante.

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO VACUUM SUNFLOWER

SÓ SÃO FOGAREIROS VACUUM AQUELES QUE TRAZEM GRAVADA A MARCA "VACUUM"

1622

SATURIO PAIVA
Da Escola Dentaria de Paris
RETOMOU A CLINICA
Doenças da bôca e dos dentes—Prothese —Orthodoncia
R. Santa Justa, 60-2.º
Telef. 2 4300

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 4 1987
SERVIÇO PERMANENTE

A Africa do Sul pede desculpa

á Italia por causa de dois artigos de jornal sobre Mussolini

PRETORIA, 18.—O governo sul-africano apresentou as suas desculpas á Italia por causa da publicação, num jornal de Natal, de dois artigos relativos á vida particular de Mussolini. O ministro dos Negocios Estrangeiros sul-africano declarou «que lastimava profundamente o mau gosto e a falta de consideração em que se inspiravam os artigos a respeito do povo italiano e que apresentava ao governo e povo italianos as suas mais sinceras desculpas».—(Havas).

O comercio britanico

na America do Sul

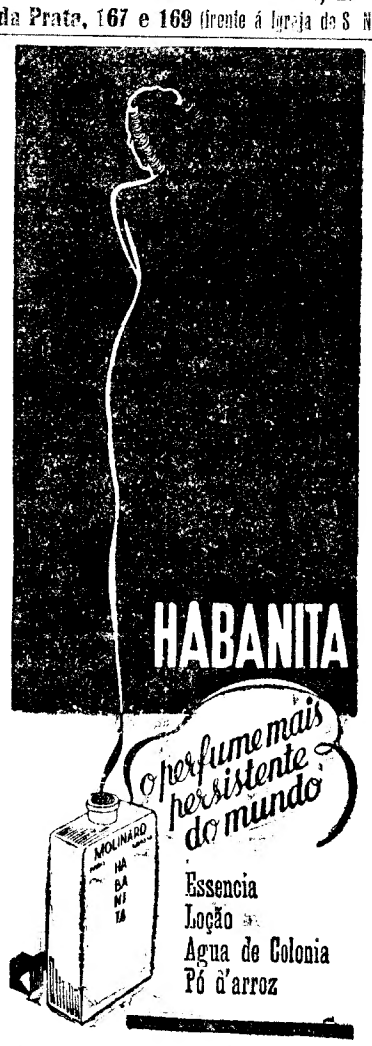
BUENOS AIRES, 18—O presidente da Camara de Comercio britanico preconizou a urgencia, para salvar o comercio inglês nos mercados da America do Sul, da adopção do sistema metrico pelos industriais britanicos.—(Havas)

Um inquerito

ARRONCHES, 16.—Desde ontem que se encontra nesta vila o dr. Leitão da Silva, delegado do Procurador da Republica, na comarca de Portalegre, que vem fazer um inquerito ao sr. dr. Joaquim Pinto Valente, medico deste concelho, devido a um processo disciplinar que lhe promoveu a Camara Municipal deste concelho.

Aguardemos o resultado do inquerito.

VARÕES DE METAL
para Rideaux, reposteiros, brise-bises, etc., etc.
Encontra V. Ex.ª nos mais modernos e economicos modelos no antigo arameiro da
SOCIEDADE COMERCIAL DE METAIS, L.DA
R. da Prata, 167 e 169 (frente á Igreja de S. Nicolau)



Essencia
Loção
Agua de Colonia
Pó d'arroz
Vende-se nas boas perfumarias e na
Zinalia — Rua Augusta, 180
DEPOSITARIOS:
Antonio Ferreira Pinto, Ld.ª
Rua da Prata, n.º 153, 1.º

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Supressão de consulados alemães

na Russia Sovietica

BERLIM, 18—Uma fonte bem informada refere-se ao encerramento eventual de certos consulados germanicos na Russia. Declara, por outro lado, que o governo sovietico pediu a todas as potencias estrangeiras que reduzissem o numero das suas representações consulares. Continuam as negociações, que ainda não chegaram a um resultado definitivo, entre Moscovo e Berlim. O governo de Moscovo vai negociar com a Alemanha a redução do numero consideravel de cidadãos alemães estabelecidos na Russia e a concentração em Moscovo da solução de todos os negocios comerciais que poderiam justificar a supressão de alguns postos consulares.—(Havas)

A crise ministerial belga

BRUXELAS, 18—Paul Emile Janson, que foi encarregado pelo rei de se informar acêrca da situação politica para efeitos da constituição do novo ministerio, parte esta tarde para Londres para pôr o soberano ao corrente da sua missão. Os circulos politicos bem informados frisam que, como Janson não recebeu mandato, não submeterá ao rei uma lista ministerial, mas um relatorio, após o exame do qual o rei Leopoldo tomara uma decisão quanto á personalidade, susceptivel de formar governo. Ao que se diz, essa personalidade poderia muito bem ser o proprio Janson.—(Havas)

Violento tufão

MANILLA, 18.—Um novo tufão violentissimo assolou ontem as ilhas de Leite, Sebu, Paney e Mindorro. Na ilha de Sebu os estragos causados são importantes. Centenas de habitantes estão sem abrigo e 2 morreram.—(Havas).

Vapor afundado na Mancha

LONDRES, 18.—Segundo um radio aqui recebido, deu-se uma explosão a bordo do vapor italiano «Boccaccio», de 3.027 toneladas, na ocasião em que atravessava o Canal da Mancha. O navio afundou-se. A tripulação foi recolhida pelo vapor holandês «Tajadoen». Um tripulante desapareceu.—(D. N. B).

Seis mineiros emparedados

HINDENBURG (Alta Silesia), 18.—Devido ao desabamento dum pilar da galeria duma mina de carvão Koenigin Luise, ficaram ali encerrados seis mineiros. Esta manhã ainda se não tinha conseguido estabelecer ligação com eles.—(D. N. B.).

A população dos Estados Unidos

WASHINGTON, 18.—A comissão de recenseamento calcula que a população dos Estados Unidos no dia 1 de julho ultimo era de 129.257.000 habitantes, havendo, portanto, um aumento de 6 decimos em relação a 1936.—(Havas).

Abertura do Parlamento egipcio

LONDRES, 18—Do Cairo comunicam á Reuter:—O rei presidiu esta manhã á abertura do Parlamtnto com o cerimonial tradicional. O discurso da corôa foi radiodifundido.—(Havas)

Beiriz e Arraiolos são duas marcas de tapetes consagrados, Só vende **Quintão.**
Rua Ivens, 32

Evite a Tuberculose
Tome farinha de fava ou Favacau d'A Mariazinha

A participação portuguesa

na Exposição da Caça de Berlim

BERLIM, 18.—A Exposição da Caça continua a atrair a maior atenção do publico. Uma das secções que mais interesse despertam é a portuguesa, que tem sido visitada diariamente por milhares de pessoas. Os jornais salientam a importancia da representação lusitana e elogiam os srs. Dario Canas, José Arantes de Freitas Cruz e Teodoro Cabral, respectivamente presidente da Federação Nacional dos Caçadores de Portugal, vice-presidente da comissão venatoria regional do sul e representante dos caçadores das colonias portuguesas, a quem principalmente se deve o exito da participação portuguesa.—(Americana).

Na Russia vermelha

A prisão de Bondarenko

LONDRES, 18.—O «Times», informa, de fonte digna de fé, que o presidente Bondarenko, do conselho dos comissarios do povo da Ucrania, foi preso e levado para Moscovo. E' acusado de ter mantido relações com os separatistas ucranianos. Bondarenko exercia as suas funções desde setembro, ou seja quando o seu predecessor se suicidou.—(D. N. B.).

LIQUIDAÇÃO
PARA TRESPASSE DA
CASA PALMARES
Rua do Ouro, 257
Toda a existencia a preços excepcionalmente baratos
OS MELHORES **CHAPEUS estrangeiros**
custavam 180$ 170$ e 160$
custam 140$ 130 e 120$
OS MELHORES **CHAPEUS nacionais**
a Esc:
**40$** 50$ — 60$ — 80$
Cartolas — Cócos — Bonets
Gravatas de pura seda
Tudo a preços de
LIQUIDAÇÃO
Rua do Ouro, 257

Os esforços da Italia

para conseguir a autarquia economica

ROMA, 18.—Celebra-se hoje o segundo aniversario das sanções por meio de duas manifestações importantes que atestam a vontade italiana de dirigir a economia para a autarquia absoluta. No teatro Adriano reuniram-se todos os dirigentes e trabalhadores da industria sob a presidencia do conde de Volpi, presidente da Confederação dos Industriais, e de Cianetti, presidente da Confederação dos Sindicatos, para dirigirem uma moção ao Duce. Assistiram áquela reunião 200 trabalhadores germanicos e representantes dos industriais nacionais-socialistas, que foram alvo de manifestações calorosas.

Volpi e Cianetti expuseram os esforços feitos pela Italia desde o principio da aplicação das sanções e tudo quanto se fez em seguida para continuar a garantir uma maior independencia economica.

O conde de Volpi leu os numeros resultantes do «primeiro esforço para a autarquia». Cianetti exaltou a coragem e o espirito de sacrificio do povo italiano para se chegar á autonomia economica do país. A' tarde, Mussolini inaugura a grande exposição de tecidos, onde estão expostos exemplares de tecidos fabricados com materias exclusivamente nacionais. Parece que tambem serão inauguradas outras exposições semelhantes noutras cidades.—(Havas).

Proezas de aviação

o «record» Cidade do Cabo-Londres

CIDADE DO CABO, 18—O aviador Clouston e mrs. Betty Kirby Green levantaram vôo ás 6 horas para tentar bater o «record» Cidade do Cabo-Londres.—(Havas)

Von Fritsche chegou ao Cairo

CAIRO, 15—Chegou hoje aqui o general von Fritsche, supremo comandante das forças terrestres do Reich. —(D. N. B.).

TOME FARINHA
de fava d'A Mariazinha

A bem da vossa laringe fumai
CRAVEN "A"
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta
CARRERAS LTD. LONDRES
150 ANOS DE REPUTAÇÃO, PELA SUA MAGNIFICA QUALIDADE

V. Ex.ª NAO SABE? **DÓMÚZ** É O REI DO ANIZ

MAURICIO
DECORAÇÕES E MOBILIARIO
Distinção e gôsto
Rua Augusta, 240, 1.º
Tel. 2 8229

CARMENCHU!
E' o nome da famosa artista que hoje se apresenta no
VICTORIA-BAR. DANCING!
(Parque Mayer)

Papeis Pintados
O mais vasto stock nacional
Restauradores, 19
Sociedade de Decorações, Lda.
(representante da Fabrica Velludo)
Tel. 25639

ULTIMAS NOTICIAS

Supersom
— DA —
Emerson Radio Corp.
Ouçam! Examinem! e Confrontem
O melhor receptor da T. S. F.

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

Na Camara dos Deputados

houve hoje uma interpelação

sobre a politica do govêrno

PARIS, 18. — Na presença de publico pouco numeroso e de poucos deputados, a Camara iniciou o anunciado debate sôbre as interpelações a respeito da politica geral do governo.

O primeiro orador, foi René Chateau, radical-socialista independente, que criticou a politica do governo da Frente Popular, sob a direcção radical, em três pontos: 1.º—Porque, ao manter a pausa, o governo adiou «as reformas que não teriam acarretado novas despesas»; 2.º—Por o governo não ter empreendido uma campanha vigorosa para evitar a subida dos preços internos; 3.º—Por o ministro das Finanças não ter recorrido á fiscalização dos cambios.

Este terceiro ponto provocou o seguinte esclarecimento de Bonnet: os plenos poderes atribuidos ao governo pelas duas Camaras estipulavam que «aqueles tinham por fim conservar o encaixe metalico sem recorrer á fiscalização cambial».

As galerias foram-se enchendo, e quando Marcel Héraud, da Esquerda Republicana, fez a sua interpelação, encontrava-se repleta. O orador elogiou o esfôrço fiscal de Georges Bonnet e de Chautemps, mas disse que o ressurgimento economico se não fez sentir em França tanto como em certos paises e sem o dizer explicitamente parece atribuir este facto á rapida aplicação das leis sociais votadas desde o advento da Frente Popular ao poder. Frizou que poderiam comprimir-se as despesas para a defesa nacional mas com a condição «sine qua non» de que se não tratasse dum desarmamento unilateral. Voltando a ocupar-se da politica financeira disse que «em 1926, graças aos esforços de Poincaré, o franco melhorou muito mais rapidamente do que hoje», o que Chautemps contestou.

Héraud acrescentou que já se não pode pedir um novo esforço ao contribuinte e pediu «não em nome do amalgama dos partidos mas em nome da França» que se pratique uma politica realista.

—Reconhecereis—exclamou— o imperio italiano, mas tarde demais. Reconhecereis o governo de Franco, mas tarde demais».

Falou, seguidamente, Margaine, radical-socialista, que se ocupou sobretudo da politica externa. Em sua opinião, a S. D. N. «deveria aconselhar a China a ser mais conciliadora com o Japão com respeito a materias primas de que ela se não serve. Ter-se-ia assim podido evitar o conflito sino-japonês». Quanto ao conflito espanhol, Margaine é de opinião que a Alemanha «quiz antes de tudo pôr á prova na peninsula iberica o seu material de guerra». — (Havas).

A actividade dos «Capuzes»

PARIS, 18. — Prosseguiu esta manhã o inquerito relativo aos «Capuzes». Os inspectores da Segurança continuaram as investigações numa Pensão de Familia, na rua Ribera, onde se descobriu material de guerra. Procederam com tecnicos dos Correios e Telegrafos a experiencias nas linhas telefonicas colocadas na «casa forte» que continha armas. E' ainda impossivel saber se se trata de linhas clandestinas. Apurou-se unicamente que a Pensão Particular só está ligada por duas linhas privadas. Os inspectores procuram actualmente esclarecer este facto. Por outro lado, continuaram esta manhã o trabalho, já começado ontem, num cano de esgoto situado na rua Ribera, 41, onde se encontram as linhas telefonicas. Esta manhã a Policia não efectuou nenhuma deligencia na rua Ampere e, de resto, as buscas feitas ontem não deram nenhum resultado interessante.—(Havas).

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O Japão acha oportuno

reconhecer o govêrno de Franco

TOQUIO, 18. — O jornal «Asahi» anuncia que os ministros aprovaram uma proposta de Hirota para o reconhecimento de Franco que o Ministerio considera justificado e oportuno por três razões: 1.ª—O governo nacionalista espanhol prossegue na repressão do comunismo; 2.ª—A Italia e a Alemanha instam com o Japão para que reconheça o governo de Franco; 3.ª—O generalissimo Franco está já de posse de 60 0/0 do territorio espanhol.—(Havas).

Um golpe de vista sobre os exitos nacionalistas

TENERIFE, 18.—Radio Tenerife comunicou acêrca das operações militares: «O nosso estado maior examinou desde o principio os importantes problemas estrategicos tendo decidido sucessivamente: o isolamento da Frente Norte retendo as forças republicanas em Guadalajara, junção das forças nacionalistas do Norte com as do Sul ao longo da costa portuguesa, libertação de Toledo por motivos de ordem moral e sentimental, conquista de posições no semi-circulo de Madrid, e operações em direcção a Malaga, Bilbao, Santander e Asturias. As operações previstas realizaram-se sob o ponto de vista tactico sem dificuldade. Convem não esquecer que dispomos nas nossas fileiras dos melhores oficiais. As nossas tropas estão perfeitamente enquadradas. E' á nossa superioridade tactica que devemos, em particular, a libertação do Alcaçar e a rotura da frente inimiga de Toledo. No que respeita ao inimigo, este só pôde organizar diversos centros de resistencia. Nunca pôde efectuar uma verdadeira operação ofensiva. A's suas tropas faltam disciplina e instrução militar. Depois dos dias de descanso, de que as nossas tropas gosam em todas as frentes, facil é deduzir que a nossa superioridade estrategica e tactica se afirmará novamente quando o comando o decidir e que a frente marxista se esboroará como um castelo de cartas». —(Havas).

Recrutamento de voluntarios suiços para a Espanha governamental

ZURICH, 18.—A agencia telegrafica suiça informa que «se efectuaram ontem buscas no domicilio dos comunistas Humberto Droz e Ernesto Walter, conselheiro nacional, que foram detidos. Procedeu-se tambem a uma busca na redacção do «Freihiet», de Zurich. A mesma agencia diz: «Sabe-se relativamente á prisão dos comunistas Walter e Droz, que em buscas anteriores as autoridades encontraram uma acta em que se davam directivas para o alistamento de voluntarios no exercito da Frente Popular de Espanha, que emanavam da direcção do partido. Tais directivas foram confirmadas por um comunista já detido. Droz é secretario do partido comunista suiço.—(Havas).

Declarações de Negrin

BARCELONA, 18.—O dr. Negrin recebeu ontem á noite os representantes da Imprensa estrangeira, pela primeira vez, depois da instalação definitiva do governo republicano em Barcelona. Referindo-se á nota britanica relativa á retirada dos voluntarios, declarou nomeadamente que ela chegára a 6, mas que os seus anexos só tinham chegado a 14 e é essa a razão por que o governo espanhol ainda não terminou o estudo da questão. Observou que, de resto, os trabalhos da comissão serão muito espinhosos, pois «os rebeldes trabalham intensamente em transformar as tropas coloniais—tunisianas e tripolitanas e mesmo etiopes—em tropas marroquinas». O dr. Negrin entende, de resto, que sendo a zona espanhola de Marrocos um país sob o protectorado da Espanha, os marroquinos dessa zona deveriam ser considerados voluntarios.

O dr. Negrin evocou o perigo que em sua opinião correria a França se tivesse a sul uma fronteira italo-alemã e, além disso, se as suas comunicações com a Africa estivessem cortadas. Interrogado sobre a partida de voluntarios italianos para Italia, respondeu, sorrindo: «Sim. De facto têm partido, mas são os feridos e doentes». Finalmente o presidente do Conselho reafirmou que as relações entre os governos da Republica e da Catalunha são as melhores. Os preceitos constitucionais anteriores á rebelião fixam, de resto, as funções que incumbem ao governo central e as que incumbem ao governo catalão. O dr. José Giral, ministro dos Estrangeiros, o general Rojo, Hidalgo de Cisneros e outras personalidades asssitiram ás declarações do dr. Negrin.—(Havas).

As operações militares

O comunicado do Ministerio vermelho da Defesa Nacional diz:

Frente de Leste—As batarias republicanas bombardearam no Alto Aragão as posições nacionalistas de Casa Batanero e S. Pedro. A artelharia nacionalista fez fogo sobre a cota 900, assim como sobre as nossas posições de Tozal de las Canas, Suelta Alta e Puigladron, no sector de Lecinema.

Frente da Extremadura—Uma patrulha inimiga que fazia uma incursão no sector de Toledo foi dispersa pelo tiro das nossas metralhadoras, tendo sofrido muitas perdas.

Frente do Levante—A artelharia republicana bombardeou as posições inimigas de Santa Barbara, a 3 quilometros da estrada de Alcaniz a Teruel, assim como as de Henas de Concub e outros sitios. As comunicações de Teruel a Saragoça, assim como as posições militares do sector de Banons, foram igualmente bombardeadas.

Morta na via publica

Na praia de Pedrouços apareceu morta uma mulher decentemente vestida e cuja identidade se desconhece. A infeliz aparenta 30 anos de idade. A Policia maritima tomou conta do caso.

A GUERRA SINO-JAPONESA

Os chineses defendem-se

desesperadamente

dos ataques niponicos

A legação da Republica da China em Lisboa recebeu, esta manhã, de Nanquim o seguinte telegrama cujo texto nos forneceu:

«A Leste da zona de guerra, a linha de defesa chinesa foi severamente posta a prova a noite passada por uma violenta ofensiva japonesa lançada contra Changsu, Soochow e Kashing, três pontos de apoio das posições chinesas em Kiangsu e Chekiang.

A-pesar dum intenso bombardeamento e dum fogo de artelharia constante sobre a linha de defesa chinesa que vai desde Fushan, na margem Sul do Rio Yantse, até Chapoo, na costa Norte da baía de Hangchow, esta conserva-se intacta.

Tentando ameaçar as linhas chinesas em toda a sua extensão, os navios de guerra nipónicos bombardearam, na manhã do dia 16, o sector de Fuschan, para estabelecer uma intensa barragem. As baterias chinesas responderam vigorosamente ao fogo do inimigo, enquanto as tropas armadas de metralhadoras conseguiam sustentar varias tentativas de desembarque de japoneses.

As melhores tropas chinesas foram enviadas para defender esta linha do Leste.

A ala direita das tropas chinesas do sector Pequim-Hankow retomaram Shabo, cêrca de dez milhas ao Sul de Shunteh, destruindo todas as pontes e passagens de estrada, a-fim de cortarem a retaguerda inimiga.

As forças chinesas estão a desencadear uma contra-ofensiva, na direcção de Taming, utilizando uma tactica envolvente.

A batalha está violentamente travada sobre a linha de Tien-Tsin a Pukow, ao Norte do Rio Amarelo. As tentativas japonesas para atravessar o rio, em Tsiyang, foram repelidas com exito.

Tropas frescas estão a ser transportadas para Chang Ching, Lokou, Lingchi, a-fim-de reforçar as posições chinesas.

Unidades moveis chinesas hostilizam muito activamente o inimigo perto de Tien-Tsin e conseguiram cortar as suas linhas de reabastecimento em varios pontos. O numero total de homens empregados, neste sector, na guerra de guerrilhas calcula-se em 30.000.

A saida de Naquim dos Serviços do Governo, em direcção ao interior, é uma consequencia do plano que se apoia na politica de resistencia até ao ultimo extremo».

As baixas sofridas pelos japoneses

CHANGAI, 18. — O informador do exercito japonês declarou que as perdas niponicas da frente de Changai se elevavam até 15 de novembro a 9.760 mortos, dos quais 10 por cento devido a doenças. O numero de feridos era na mesma data de 29.850. Aqueles numeros não incluem as perdas sofridas pelos corpos de desembarque na baia de Hang-Tcheu. O referido informador acrescentou que ainda não estão calculadas as perdas totais japonesas na China, mas que as de Changai devem representar 80 por cento.—(Havas).

Residencias americanas e inglesas saqueadas pelos japoneses

LONDRES, 18. — De Changai comunicam á Reuter: «Segundo versões autorizadas da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, as tropas niponicas do sector de Hung-Jao Road saquearam certo numero de residencias que hasteavam as bandeiras inglesa e americana. Diz-se que as autoridades japonesas haviam proibido ás suas tropas penetrarem em territorio estrangeiro, mas que aquelas instruções não foram respeitadas.—(Havas).

MAXIM'S
HOJE — NOITE DE FESTA
VARIEDADES
com o famoso **BALLET FAIRIES** e com as gentis bailarinas internacionais **HAPPY SISTERS**

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

Não é pelos crimes, actos violentos e exteriorizações de bom ou de mau humor, este levado ao paroxismo, que se pode aquilatar da indole de um povo.

O acto anormal não pode dar a rubrica de um indice.

O individuo em transe não se pertence, e muito menos nos casos singulares passionais. Apenas no criminoso profissional, que age a frio, tudo decorre como foi perpetrado na escola ou na seita. Nos criminosos natos ha um «internacionalismo»; das suas violencias e processos tambem nada se pode ajuizar na indicação da indole de um povo.

Queremos dizer que o crime, em si, não é nem pode ser grafico do caracter das gentes. Quando muito, a frequencia podia traduzir um estado colectivo de certas camadas predispostas á celebridade criminal. E mais nada.

* * *

A tragedia dos dois amancebados alentejanos, em vesperas de casamento — tragedia reconstituida com toda a verosimilhança pela Policia e pela Ciencia—permite-nos observar um aspecto curioso da violencia de sentimentos, antes e particularmente mais significativa do que a violencia dos actos.

Não houve premeditação; não havia antecedentes. Não havia predisposição nem taras manifestadas.

Havia na mulher um estado latente de ciumeira rural; uma predisposição morbida para o sofrimento do ciume, doença dos fracos sem possibilidade de reacção, na função nomativa da sua educação social.

A mulher era simples. E tudo se passou em poucos minutos, sem que a reflexão se pudesse antecipar.

E aqui está o objecto desta parte da nossa conversa.

O crime da mulher—passional sem duvida—foi de origem educativa.

Uma mulher de outra condição, vinda de outro meio ambiente, descobriria durante o repouso do homem cartas comprometedoras para a lealdade dêste.

E como agiria? Acordava-o, insultava-o, interrogava-o desvairada, converteria a certeza em duvida ou a duvida em certeza.

Outro tipo de mulher nada diria; dissimulava. Tomava as suas precauções, fugindo ou desfazendo por ardis a suposta concorrencia de outra femea.

A filha do carpinteiro era violenta, e talvez nunca tivesse dado por isso. De posse da certeza, lançou-se sôbre o amante para o matar, e deitou mão do primeiro elemento que encontrou: uma tesoura.

O que se seguiu por parte do homem, já não tem interêsse para o nosso ponto de vista: o homem reagiu, alguma tara acordou nele, e vencido pela tragedia ou pela dôr—liquidou-se.

A' superficie fica isto: esta tragedia, de fundamento trivial e no caso até insignificante, foi possivel pela carencia de «justo processo» numa mulher cuja simplicidade de vida ocultava uma exaltada noção da defesa.

O crime foi servido não pelo desespero de sentimentos, mas pelo desespero dos sentidos.

Se um observador, nêste caso, como em tantos, aquilatasse da indole da mulher portuguesa pelo crime daquela moçoila transtornada de razão — enganar-se-ia. E pode acrescentar-se: mesmo na sua esfera social, na identidade de educação precaria moral e social, outra mulher simples teria procedido de maneira diferente.

Tomada de delirio, no momento febril da enfermidade—as palavras teriam substituido os actos, a violencia assassina seria trocada pela violenci adas lagrimas.

Ao cabo—dois embustes e um beijo liquidariam o incidente. Talvez o casamento se apressasse...

Assim...

Assim... o processo vai ser arquivado e no cemiterio de Beja ficam dois covais unidos, com uma unica cruz.

Se os mortos falam, agora, sob as lagrimas da chuva, na paz silente do lugar, a Emilia e o Antonio devem ter feito—as pazes.

No perpetuo esquecimento do que se passou...

* * *

Isto de folclore começa a assumir aspectos de mistica. Em Portugal é sempre assim: acaba tudo no exagero.

Há muito que o folclore é uma religião. E bem. Vamos a evitar que se converta num fanatismo, ou numa doença, que tanto importa.

Refiro-me não á demonstração e pratica folclorista, mas á rigidez dos conceitos estabelecidos á roda desta modalidade da «musica pura popular».

O folclore vale em primeiro lugar pelo que representa como elemento de estudo das raizes e da floração do cancioneiro nativo dos povos. Como tal, é uma especialização da cultura, assimilavel e comparativa, para «raros apenas». A exemplo de tudo que nasce da alma popular, e que esta converte em monumento—é complexo esse estudo, que exige além do mais uma sensibilidade privilegiada, uma intuição critica que coloque o estudioso ao abrigo de surpresas a que a ingenuidade aparente dos motivos folcloricos tantas vezes o sujeita.

Vale o folclore, em segundo lugar, e podemos dizer em ultimo, pela beleza natural, que vive sobretudo do ambiente. E' o ambiente que faz o folclore musical e de cancioneiro, nas suas multiplas facetas.

O folclore tem um clima; retirá-lo dele é estiolá-lo.

De modo que, esquecidas as verdades acima apontadas—verdades quanto a nós, é claro—entrou a exigir-se do povo, nas manifestações espectaculosas retiradas do seu meio ambiente, uma pureza folclorica que ele não pode dar, e que quando se revela, aqui e ali, nas «romarias» artificiais, cai ou no ridiculo ou no desentendimento.

Desta circunstancia nasceu o erro, que vale apenas pelo precedente, de se atribuir há dias um primeiro premio folclorico de grande nomeada, e em concorrencia, a um grupo de bons durienses que nem cantaram melhor, nem com mais graça ou beleza, com mais caracter e sentido folclorico de exterior, do que outros grupos que entusiasmaram o publico, pelo conjunto, pela indumentaria, pelo encanto popular e regional.

E' que se entrou na mistica folclorica, e se esqueceu aquele principio de que folclore é ambiente, e—passado o espectaculo, como pintura a cenografia—os valores entram a ser «relativos» e há que julgar para o «objectivo destinado» e não subjectivamente para o conceito mistico dos juizes.

* * *

Folclore pois é quanto o povo canta. Há folclore de cancioneiro mais ou menos puro e belo, ancestral e racial; mas isso é já com os «raros apenas», objecto de estudo critico comparativo e nunca função de espectaculo.

O povo inverte, converte, adapta, transforma, reduz e amplifica todas as toadas que aprende, desde o que vem da Igreja ao que nasceu do Teatro.

Dá-lhe um «andamento», cria-lhe um ritmo, e imprime-lhe uma caracteristica «de região».

E' assim, sem deixar de ser folclore.

Faz-se agora uma guerra academica á musica das revistas.

Infelizmente há mais casos do que seria para tolerar que provam que o autor da musica de teatro ligeiro se afasta com frequencia dos motivos populares, cheios de beleza e sugestivos até ao encantamento. Isto deve-se ao «improviso» teatral, ás exigencias da vida dos bastidores. E' um defeito de «organica», dentro da função do «tempo».

Mas que lindas, que puras, que admiraveis coisas têm produzido os nossos compositores de teatro ligeiro, incluindo revistas, nos ultimos trinta anos!

Que manancial, recolhido até de viagens e de informações auditivas no proprio folclore! Entre o trigo e o joio—vamos com os exigentes e com os misticos pelo trigo. Simplesmente eles só encontram trigo na seara nativa, e todos nós, que não somos injustos nem queremos ser mais papistas do que o Papa, sabemos que no repertorio ligeiro teatral português há beleza folclorica indiscutivel, e que ha-de permanecer na historia da musica contemporanea.

O proprio maldito fado, trabalhado por homens de teatro, atinge aqui e ali, na orquestração, na harmonia, na especulação dos motivos e incidentes, uma altura que se aproxima daquela a que chegaram os professores e compositores, como Rey Colaço e Rui Coelho, para citar apenas dois de escolas diferentes e diferenciadas.

Concluo portanto: folclore está em toda a parte; de todos os rincões naturais ele surge, e nada impede que, como a semente, venha nas asas do vento da serra ás capitais.

Usar um rigoroso espirito critico para o folclore—que o povo não sabe de onde nasceu e cujos fundamentos se perdem na bruma do tempo—; exigir que se cante o «popular» como se estivesse numa igreja ou no concavo de uma serra—e não sendo assim «não presta»—é falsear a missão estimuladora e reduzir a beleza aos limites de uma veiga.

Folclore, cancioneiro e baile regional e popular—são alegria e côr, e em toda a parte podem estar.

Até no genio criador de um musico que nunca pegou num harmonio.

NORBERTO DE ARAUJO

A tragedia —o-o— A alegria

Na «Pagina de Quinta-feira», de Norberto de Araujo, do dia 21 de outubro passado, lia-se uma larga referencia á livraria preciosa da Manisola, que foi do bibliofilo erudito José Bernardo Barahona Fragoso, e ás diligencias da Inspecção Superior das Bibliotecas e Arquivos para adquirir no todo ou em parte essa riquesa, sobretudo para que não se dispersasse e não emigrassem para o estrangeiro as especies mais valiosas.

Entre os herdeiros do visconde da Esperança, e os representantes do Estado não se chegou a um acôrdo acêrca do preço da aquisição, mas isso não impede que a parte rica da livraria esteja já arrolada pela Inspecção Superior das Bibliotecas, e que a fuga das especies raras esteja acautelada.

Não interessou ao autor da «Pagina» mais do que pôr em destaque a acção da Inspecção e a sua boa orientação em assuntos do patrimonio espiritual. O aspecto material do caso não foi no «Diario de Lisboa» focado nem sabemos se os herdeiros pedem muito, se o Estado oferece pouco, ou se um «meio termo» foi já tentado, de modo a defender a cultura sem atentar contra a propriedade.

Não podemos contudo deixar de dar publicidade á carta do sr. José de Barahona, já ha dias recebida, e que ao assunto se refere. Dela eliminamos apenas, com a devida venia, os periodos que se referem lisonjeira e laudatoriamente ao autor da «Pagina», o que nada tem com a materia versada.

Meu caro Norberto de Araujo, e prezado amigo:—Li com o maior interesse a sua habitual «Pagina de Quinta Feira» publicada no magnifico «Diario de Lisboa», e terminei a leitura com desvanecimento, pois que o assunto é exposto com larguesa e patriotismo, e o meu amigo se refere com imparcialidade a um aspecto interessantissimo da cultura portuguesa.

A historia deste caso é longa, não sendo o presente momento oportuno, nem o lugar, para ser devidamente narrada, até pelos inconvenientes que podem resultar do facto de se tratar de um assunto fora do tempo.

O carinho que V. dispensou na sua «Pagina» a este malfadado caso, e que a tão poucos tem interessado, já de ha muito podia e devia estar resolvido, evitando uma perda irremediavel pelo risco de deterioração que correm obras raras e unicas, de imenso valor, como foi oficialmente reconhecido.

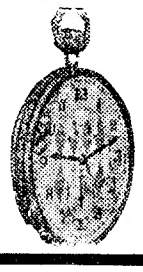
São hoje, quatro os proprietarios, co-herdeiros, dessa preciosa livraria, cabendo metade a este seu amigo.

A todos anima o maior desejo por patriotismo e por sensibilidade espiritual, de que essa magnifica colecção, de um conjunto precioso, não se disperse.

O que porém os proprietarios não podem admitir, aliás sem nenhum proposito de ganancia, é que por parte de quem representa o Estado seja atribuida á livraria um valor que está, precisamente, em contradição com o merecimento intrinseco que o proprio Estado reconhece e levou os seus ilustres delegados a tomarem atitudes de defesa desse patrimonio.

O que afirmo quanto á nossa isenção e quanto ao valor real da colecção pode ser demonstrado, e corroborado, desde que se leve a efeito uma avaliação estabelecida por pessoas tambem competentes, bibliofilos e criticos.

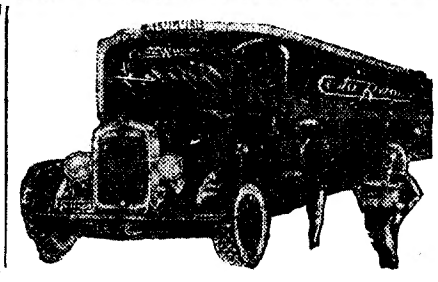
Por hoje aqui me encerro. E se estas ninharias a mais pessoas interessarem fico ás ordens para uma visita á Manisola, onde a colecção pode ser examinada, visita certamente interessante para todos e agradavel para mim.—De V. etc., *José de Barahona*».



LONGINES

Sempre na vanguarda das bôas marcas

10 GRANDS PRIX



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais Carros especiais para mobilias.

Porto — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 1854

Lisboa — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 2 7200

Um bocado de historia...

SANTAREM, 16.—Para que a noticia que abaixo reproduzimos tenha o relêvo que merece, temos que dela fazer um bocado de historia.

Começaremos:—Existe em Santarem uma banda de musica denominada «Banda dos Bombeiros de Santarem», unico orgão artistico organizado, dentro da capital de provincia do Ribatejo. Na sua longa existencia (meio seculo), tem aquela colectividade merecido honras e glorias, louros adquiridos á custa do sacrificio e boas vontades dos seus executantes, na sua maioria operarios, que desprezando honras e benesses, cultivam cheios de entusiasmo a bela arte musical.

Nem sempre, temos que confessá-lo, a referida organização tem correspondido ao que dela era de esperar, mas nunca essa deficiencia, se assim se pode chamar, se deve atribuir aos musicos ou aos seus dirigentes. A causa principal, senão unica, é a falta de recursos. A actual direcção, no intuito louvavel de a engrandecer, guiando-a ao lugar a que por todos os titulos tinha direito, conseguiu, depois de esforços titanicos, eleva-la a um nivel suficientemente capaz de a impôr, seja aonde fôr. Não quere isto dizer que se o organismo a que me venho referindo se encontra num alto grau musical, se deve simplesmente aos esforços da sua presente direcção. Não. Era utopia fazer tal afirmação. Para esse grau de aperfeiçoamento muito tem concorrido: primeiro, a grande competencia do seu regente, sr. capitão Manuel Canhão, e segundo ao subsidio concedido pela Camara Municipal e outras entidades oficiais, subsidios estes insuficientes, para acudir ás mil necessidades dum organismo desta natureza.

E' este o ponto que pretendemos realçar: como já dissemos, a situação financeira da banda era deficitaria, e, nesta situação, não se poderia manter tal como se encontra, isto é, impôr-se como instrumento de valor, como o tem feito ha alguns meses a esta parte. Daí, a idéa de expôr á nova comissão administrativa da Camara Municipal, a situação em que tal organismo se encontrava. Em tal hora o assunto foi apresentado, que a vereação, num gesto digno dos maiores aplausos e reconhecimento, deliberou conceder com inicio em janeiro do proximo ano, mais 8.000$00 anuais, reforçando assim e duma maneira notoria, o primitivo subsidio, que era apenas de 1.000$00. Ssta resolução, que á primeira vista parece banal, tem um tal significado, que só quem ama e conhece a musica, e Santarem, a poderá classificar.

Uma terra onde se não pode ouvir T. S. F.

AVIZ, 16. — Ha já muito tempo que em certas zonas desta vila, por defeito de filtragem da corrente electrica, não podem ouvir-se os aparelhos de T. S. F., o que provoca muitas e justas reclamações. A Camara Municipal de Aviz fez com boa vontade o que estava ao seu alcance, sem conseguir debelar o mal. Por esse motivo se pede á Direcção Geral dos Correios e Telegrafos (Direcção dos Serviços Radio-Electricos) se digne tomar as providencias urgentes que o caso requere.

Em honra do Santo Condestavel

A Associação do Santo Condestavel, em Belem, promove, no dia 1 de dezembro proximo, ás 12 horas, a celebração duma missa solene na igreja dos Jeronimos, com sermão pelo reverendo Monsenhor Pinheiro Marques, «Te-Deum» e benção do Santissimo. No mesmo dia, ás 21 e 30, realiza-se na Casa Pia uma sessão solene tambem em honra de D. Nuno Alvares Pereira, usando da palavra os srs. coronel Cardoso dos Santos, capitão Botelho Moniz e professor Oliveira Martins.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Helena Felgueiras Cardoso de Meneses, D. Catarina Salema de Avilez Melo Castro, D. Gerty Tomaz da Costa de Moura Portugal, D. Maria Manuel Laranjo Ferreira Monteiro, D. Ana de Castro Guimarães, D. Amelia Maria Dias da Silva Mota, e D. Lavinia Baptista.

—Faz hoje anos a menina Couchita Seijo.

CASAMENTOS

Celebrou-se hoje na paroquial das Mercês, o casamento da sr.ª D. Maria Domingas Luiza de Sousa Coutinho, gentil sobrinha da sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva e do nosso querido amigo sr. Jorge Rebelo da Silva, com o tambem nosso amigo sr. Manuel Luiz das Mercês de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), tendo servido de madrinhas a tia e a prima da noiva sr.ª D. Maria Madalena Sotto Mayor Pinto Basto e de padrinhos os srs. D. Antonio Maria Corrêa de Sampaio, tio materno do noivo e D. Fernando da Camara de Castelo Branco (Pombeiro), presidindo ao acto o prior da freguesia reverendo Augusto José Marques Soares, que antes da missa pronunciou uma brilhante alocução. Durante a cerimonia foram executados no côro por um terceto composto de violino, violoncelo e orgão, varios trechos de musica sacra.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residencia dos tios da noiva, á rua do «Seculo», um finissimo lanche da pastelaria «Benard», seguindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de valiosas e artisticas prendas, para o Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

NO TAVARES

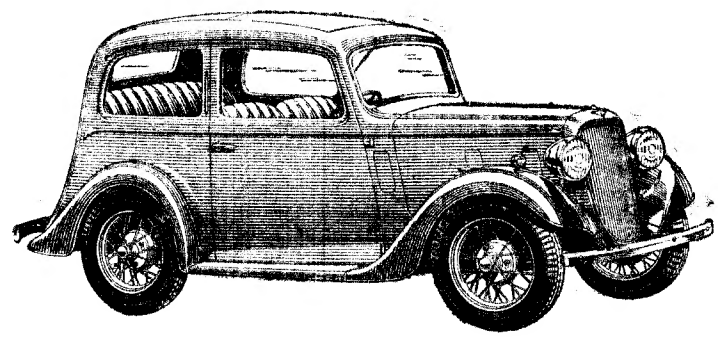
Continua o antigo restaurante Café Tavares a marcar pela elegancia, tanto á hora do almoço como do jantar. Recordando-nos ter ali visto, além de grande numero de familias estrangeiras, entre outras, as seguintes pessoas:

Visconde de Riba Tamega, professor dr. Caeiro da Mata, professor dr. Francisco Gentil, professor dr. Fernando Emidio da Silva, dr. Carlos Tavares, dr. Manuel Anselmo, dr. Frederico da Costa Pinto, dr. Oliveira Santos, e esposa, dr. Americo Correia e esposa, Correia da Costa, dr. Mario Neves, capitão Ferraz de Sampaio, esposa e filho, Henrique Belford Correia da Silva (Paço de Arcos) Armando Boaventura e esposa, Virgilio Barroso, etc.

DOENTES

Foi operada com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Maria José Crispim Henriques.

AUTOMOBILISMO AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS



O «AUSTIN SEVEN»

Transporta o mais economicamente possivel 4 pessoas

Cómodo 6/7 Lts. aos 100 Kms. Elegante

E' o resultado da mais longa experiencia na construção de carros utilitários

Em Exposição

Distribuidores Gerais em Portugal:

J. J. Gonçalves, Suc.

90, R. Rodrigues Sampaio LISBOA | 130, Rua Alexandre Braga PORTO

FOOT-BALL PORTUGAL-ESPANHA

Grande excursão em auto-Carros a VIGO

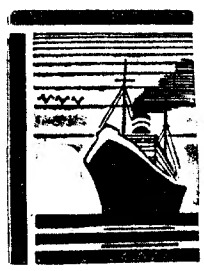
Esc. 120$00 (ida e volta)

Partida de Lisboa, em 27 ás 18 horas. Pedidos a

Capristano & Ferreira, L.ª

Largo de S. Domingos, n.º 11 Telefone 2 1003

e em todas as suas Filiais



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

VAPOR

GANDA

Saírá no proximo dia 13 de Novembro, pelas 12 horas, recebendo carga para **S. Tomé, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique** e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES:—Este vapor recebe carga até ás 20 horas do dia 9 e desta data até ás 20 horas do dia 12 com o aumento de 20 % e sujeitas as ordens ao visto do Conselho de Tarifas.

Para mais esclarecimentos e informações:

LISBOA — Rua do Instituto Virgilio Machado, 14 Teletone 20052

PORTO: — Rua do Infante D. Henrique n.º 9 Telefone 2342

Se quere beber um vinho ESPUMANTE NATURAL de grande classe, não inferior aos melhores do estrangeiro, peça uma das seguintes marcas da REAL COMPANHIA

SUCESSO
PROGREDIOR
ASSIS BRAZIL
PRIMEIRA RESERVA
EXTRA RESERVA

Encontram-se á venda em todos os bons estabelecimentos

Recorte este Anuncio e Apresente na

Fotografia AMERICA

RUA DO REGISTO CIVIL, N.º 6 e 6-A—Telef. 5 0065

Juntamente com 5 Escudos receberá uma boa fotografia 18×24 ou 1 postal por 2$50

Maggiolly

chapeus modelos e alta costura

Telef. 29573 Rua do Mundo, 66, 1.º

O melhor ambiente de restaurante

PASTELARIA COLOMBO

Av. Republica, 10—Telefone 4 9225

O MELHOR MATERIAL

para estofos, capotas e decorações, manufacturado pelos fabricantes do

DUCO

Venda por grosso e a retalho:

BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138 – LISBOA

SORIA, LDA.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 – PORTO

HAVAS

O Carnaval de 1938

vai recordar, em Lisboa, o de outros tempos...

No Governo Civil foi entregue uma exposição na qual se solicita autorização para a venda e uso de cloreto de etil na proxima epoca do Entrudo.

O sr. tenente-coronel Lobo da Costa vai estudar o caso com particular atenção, pois, dentro do seu plano de actividade, deseja aproveitar, tanto quanto possivel, esse periodo de diversão, a favor dos desprotegidos da fortuna, aos quais, com varias iniciativas, tem dispensado uma proveitosa assistencia.

Dentro dessa idéa, é intenção do chefe do distrito permitir que o Entrudo de 1938 seja uma viva recordação, embora actualizada, no Entrudo de ha vinte anos, com toda a sua alegria e aquele movimento ruidoso que atraiam á capital inumeros forasteiros e davam ás suas principais arterias um curiosissimo aspecto de diversão.

Com esse intuito, o sr. governador civil pensa em alargar o ambiente das diversões, dando possivelmente autorização, tambem devidamente condicionada, para a venda e uso das bisnagas com perfumes e cloreto de etil e ainda para outros processos de divertimentos, uns caídos em desuso, outros proíbidos, de ha muitos anos a esta parte. Assim, permitirá o uso de tremoços, arremessados á mão, como autorizará o emprêgo de pós de amido, mas em pacotes devidamente chancelados pelo Governo Civil. Não será, porém, em caso algum permitido arremessar ou usar areia ou cereais utilizados para alimentação.

A concessão dessas liberdades de divertimento obriga a medidas tendentes a evitar abusos e prejuizos, pois o chefe do distrito, permitindo maiores liberdades de diversão, procurará obter verba para uma melhor assistencia social do Governo Civil e, ao mesmo tempo, deixar que as camadas populares e a população em geral se divirtam sem que, porém, o uso dessas liberdades possa ser considerada inconveniente.

Com esse intuito marcará tambem a area em que o Entrudo será festejado com as liberdades a conceder, o que, como é facil verificar, evita possiveis inconvenientes.

A area será, no entanto, bastante grande, e o publico que queira assistir aos divertimentos e ao desfile do «corso», com carros ornamentados, grupos musicais, nucleos de dansa, filarmonicas, «gigantes e cabeçudos», «Zés Pereiras», etc., terá o seu recinto reservado.

O sr. governador civil promoverá a vinda a Lisboa de varios grupos de «Zés Pereiras», que darão uma curiosa animação ao Entrudo, como facilitará dentro do possivel e em obediencia a um plano que visa sómente a arranjar verba para a assistencia a apresentação dos varios grupos que queiram tomar parte no «corso», ao qual, para que a evocação do Entrudo de ha vinte anos seja mais interessante, figurarão ainda, possivelmente, algumas tipoias em que os foliões de outrora percorreram as ruas da cidade.

Com o intuito ainda de despertar interesse pelos festejos, o chefe do distrito estabelecerá varios premios não só para as crianças mais bem mascaradas como para os carros de réclame e outros que se apresentem com mais artistica ornamentação e, tambem, para os grupos musicais de dansas, antigas cégadas, etc.

Interesses locais

QUELUZ, 17. — Embora queiramos evitar comentarios publicos sôbre as mais urgentes necessidades de tão risonha povoação, não podemos furtar-nos ao indeclinavel dever de chamar a atenção de quem de direito, principalmente, para o eterno mau estado de algumas das suas ruas, para a falta de mictorios e para o desamor a que as instalações das escolas oficiais continuam votadas.

Queluz, pela sua importancia historica, como aglomerado urbano que já se destaca, e ainda porque é a primeira paragem no triangulo de turismo Lisboa, Sintra, Cascais, julga não merecer o desfavor dos poderes publicos.

Se é certo que, de ha uns anos a esta parte com alguns melhoramentos tem sido assistida, não é menos verdade que eles não acompanham o ritmo de desenvolvimento que leva, e a coloca em segundo lugar, entre as localidades do concelho de Sintra.

Um "golpe„ nos rendimentos

A primeira pagina do «Sempre Fixe» de hoje é uma engraçadissima «charge» de Francisco Valença á suspensão do pagamento dos juros da divida externa brasileira.

Amarelhe publica duas excelentes caricaturas e Stuart Carvalhais quatro dos seus caracteristicos desenhos.

A página de Botelho «Ecos da Semana», acêrca da exibição da companhia da Opera de Viena e um desenho de Fernando Bordallo completam a parte grafica deste numero do «Fixe» que publica variada e interessante colaboração humoristica em prosa e em verso.

TOME FAVACAU
d'A Mariazinha

Roubos em serie

AVIZ, 16. — No breve espaço de 15 dias, foi esta vila teatro de dois assaltos com arrombamento, o primeiro dos quais se deu no estabelecimento do comerciante sr. Joaquim Carlos Nunes, donde furtaram todo o dinheiro que encontraram nas gavetas, tendo levado uma caixa registadora, na qual se encontrava apenas a quantia de dez escudos. A referida caixa foi encontrada nos suburbios da vila, arrombada e muito danificada. O segundo assalto verificou-se na passada noite e deu-se no deposito de pão desta localidade. Quando os assaltantes se encontravam já dentro do estabelecimento, cuja porta haviam arrombado, um filho do proprietario, que dormia no andar superior, ouvindo tenir dinheiro sobre o balcão, chegou á janela, percebendo então o que sucedia, pelo que gritou, o que forçou os assaltantes a fugir, não sem terem disparado um tiro que, felizmente, não o atingiu.

Quando do primeiro roubo, veio aqui um agente da Policia, que nada conseguiu descobrir. Certamente por esse motivo e ainda porque o policiamento da vila é quasi nulo, a quadrilha que está agui actuando aumenta a sua audacia, roubando o sossêgo a uma população que de ha muito tempo para cá tem podido dormir de portas abertas.

Pede-se ás autoridades competentes que tomem as energicas providencias que estes factos requerem.

Escola de defesa contra gases

Encontra-se aberta a inscrição para o 3.º grupo de alunos para a Escola de Defesa contra Gases, organizada pela Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, todos os dias, na Praça da Alegria, 24, das 21 ás 22.

Os alunos que fizeram parte do 2.º grupo dveem prestar provas orais—teoricas e praticas—a partir do dia 20 do proximo mês de dezembro, na séde da Escola, podendo desde já requisitar as folhas referentes a este grupo.

Esta Escola tem como instrutores oficiais de reconhecida competencia e destina-se a instruir a população civil em caso de um possivel ataque aereo, sendo da maxima conveniencia a inscrição de senhoras para a organização um curso especial de enfermeiras.

CONFERENCIAS

O dr. Fran Paxeco inicia hoje, ás 22 horas, no Ateneu Casapiano (C. P. A. C.), a série de conferencias queessa casa de ensino tenciona realizar. Prevalecendo-se da oportunidade que lhe facultam os acontecimentos em curso no imenso país sul-americano, ao qual nos prendem tantos vinculos ,desde quando o descobrimos e colonizámos até hoje, o dr. Fran Paxeco dissertará sobre—«O Brasil e as principais datas da sua historia». A entrada é publica.

A entrada de Lisboa

pela estrada de Sacavem

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

.. «*Sr. dr. Joaquim Manso.*—O seu para mim muito apreciado diario insere, no seu numero de ante-ontem, uma carta em que o sr. Manuel Cabral lembra a necessidade urgente de modificar a entrada da cidade pela estrada de Sacavem, aponta os inconvenientes do caminho de «entre-muros» desde Sacavem ao Arieiro e acaba por lembrar á exma Camara que resolva este importante melhoramento abrindo uma estrada da avenida do Manicomio (ao Campo 28 de Maio) em direcção ás alturas da estrada de Sacavem.

Quere-me parecer, pela carta do sr. Cabral, que este não conhece para sair de Lisboa—via Sacavem—senão o caminho que indica—Arieiro-Sacavem—quando ha outro que muitos desconhecem e por onde é bem menor o movimento e que evita ainda a passagem de nivel do Arieiro.

Quero referir-me á estrada das Amoreiras, para a qual dá acesso a avenida Sacadura Cabral, que começa ao lado do n.º 32 do largo dr. Afonso Pena (Campo Pequeno) e termina na dita estrada; isto uma passagem, porque, mais adiante, no Campo 28 de Maio (Campo Grande), temos a bela avenida Alferes Malheiro, a tal do Manicomio, que termina no sitio do Pote d'Agua», nome que o povo dá a uma parte da dita estrada das Amoreiras. Seguindo esta, no sentido norte, temos á direita a estrada da Portela de Sacavem, que vai desembocar na estrada de Sacavem, junto ao 411 e assim se alcança uma saida rapida para Sacavem, evitando desta forma a maior parte do caminho de «Entre-Muros». Enquanto á tal estrada que o sr. Cabral queria aberta já está em adiantado estado de construção e é nem mais nem menos que o prolongamento da avenida Alferes Malheiro que, atravessando o Pote d'Agua já tem o seu leito aberto além da estrada das Amoreiras e a bem curto espaço de tempo quasi na estrada de Sacavem, visto que já se encontra na quinta do Carmo, que por aquela estrada tem entrada.

Nêstes locais e para o dito prolongamento, tem a actual comissão administrativa do Municipio gasto centenas de contos em expropriações urbanas e rusticas. Devo tambem acrescentar que no prolongamento da avenida Alferes Malheiro se anda afanosamente construindo o colector, sinal evidente que em curto espaço de tempo teremos, em linha recta, ligado o Campo Grande á estrada de Sacavem, pela necessidade que ha de dar ligação rapida para o Aeroporto em construção ali a poucos passos.—De v., etc.—*Joaquim Campas*, do grupo «Amigos de Lisboa».

O pó de arroz das 7 horas!

Não há necessidade de se empoar e tornar-se a empoar para evitar que o nariz brilhe e a pele tenha uma aparência gordurosa. Uma recente descoberta permite-lhe não pôr pó de arroz senão uma vez e estar absolutamente segura, durante sete horas, da frescura e do fino "mat„ e aveludado do seu rôsto. Este maravilhoso ingrediente chamado "mousse de crême„ é presentemente misturado ao Pó Tokalon, segundo um processo patenteado. E' isto que faz com que o Pó Tokalon adira cinco vezes mais tempo do que os pós ordinarios. Nem o menor vestigio do feio brilho, no tempo mais quente, depois das mais movimentadas partidas de "tennis„, ou durante uma comprida noite de dança. O Pó Tokalon dá um aspecto fresco de rapariga, uma beleza fascinante, á qual os homens não podem resistir. Compre uma caixa hoje mesmo, e verifique como o Pó Tokalon difere de todos os outros pós porque encerra o segredo da "mousse de crême„.

A' venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

DESPORTES

BASKET-BALL

Taça «Imprensa»

Em virtude do mau tempo não permitir os desafios que estavam marcados para ontem, (disputa da Taça «Imprensa») no campo do Ateneu Comercial de Lisboa, ficaram os mesmos transferidos para amanhã, com o programa seguinte:

A's 20 e 30, Boavista- Matadouro; ás 21 e 30, C. M. F.-Sporting; ás 22 e 30, Benfica-Gimnasio Club Português, e ás 23 e 30, Lisboa Gimnasio Club- Internacional.

Um festival do Triangulo Vermelho Português

Realiza-se amanhã um festival de «basket» para a entrega do novo equipamento, que consta do seguinte: ás 21, infantis do Triangulo e do Belenenses; ás 21 e 45, «volley-ball» entre o Triangulo e o União; ás 22, «basket» entre o Triangulo e o Algés e Dafundo.

PATINAGEM

Taça «Francisco Ferreira»

No proximo domingo, pelas 15 horas, inicia-se no Ateneu Comercial de Lisboa o torneio inter-socios de «hockey» em patins, para a disputa da taça «Francisco Ferreira», homenageando deste modo o seu antigo jogador.

Este simpatico gesto dos seus admiradores foi secundado pelas gentis patinadoras, fazendo parte de um pequeno festival, que constará:

Desfile de todos os concorrentes, corridas de pares; corridas para crianças, 100 metros; corridas para homens, 100, 200, 300 e 500 metros; corrida de costas 100 metros, e luta de tracção.

Seguidamente, dar-se-á inicio ao torneio.

AUTOMOBILISMO

O 2.º Rallye «Adeus até para o ano»

Como no ano anterior, uma comissão composta por um grupo de socios do Automovel Club de Portugal, está trabalhando, com verdadeiro exito, na organização do 2.º Rallye «Adeus até para o ano», que desta vez é a Sintra, no proximo domingo, 21. Este «Rallye», o segundo de homenagem á Comissão Desportiva do A. C. P., promete revestir-se ainda de maior brilhantismo, pois a comissão organizadora tem encontrado todas as facilidades por parte da Direcção do A. C. P., tendo o seu presidente, sr. conde de Monte Real acedido a assistir ás provas complementares que se realizam no campo dos Seteais, por amavel cedencia do sr. conde de Sucêna, assistindo tambem ao almoço de homenagem á C. D. do A. C. P. no Palacio de Valenças.

Reina em Sintra um enorme entusiasmo por este «Rallye», para o qual gentilmente têm prestado o melhor aprêço e boa vontade os srs. presidente da Camara e do Concelho.

Contam-se já com inumeras inscrições de Sintra e de Lisboa, sendo o percurso o seguinte: partida de Lisboa, da sede do A. C. P., ás 9 e 30: Malveira, Ericeira, Colares, Sintra, chegada. Seguir-se-ão as provas complementares revertendo o produto das entradas no campo a favor dos Bombeiros Voluntarios de Sintra.

A Adega Regional de Colares, por intermedio do seu director, sr. Alberto Tota, oferece, no «contrôle» de passagem, aos concorrentes, um Colares de Honra. Breve serão anunciados mais premios.

Noticias de Tabuaço

TABUAÇO, 14.—Reuniram-se ontem nos Paços Municipais, os presidentes das Juntas de Freguesia, para elegerem os seus representantes no Conselho Municipal. A lista apresentada pela União Nacional foi votada por unanimidade, e era constituida pelos srs. Alberto Ribeiro, Antonio Julio de Matos, Antonio Rodrigues Cardoso e Manuel Vicente da Cruz.

—A chuva outonal que tão benefica foi para a agricultura, está-se agora, com a sua irritante persistencia, tornando altamente prejudicial, dado o atraso em que se encontram as sementeiras. Algumas ha que já só poderão ser feitas com resultado negativo.

—Tem reunido, com regularidade, nos ultimos dias, o Conselho Municipal, a fim de aprovar o orçamento e plano de administração municipal para o proximo ano.

Legislação Portuguesa de Seguros

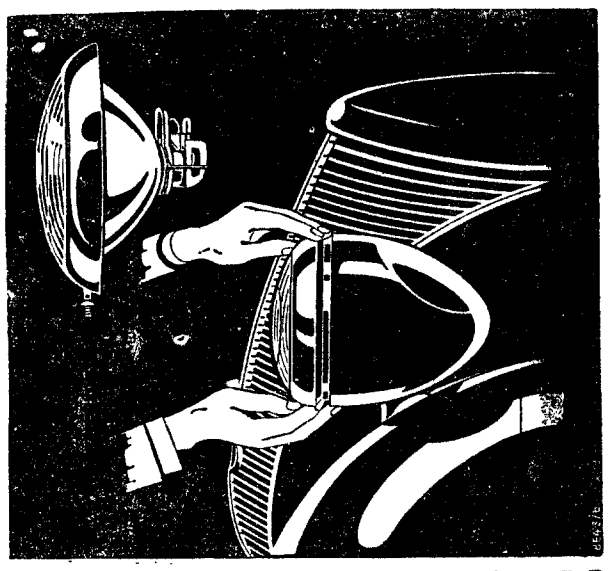
Saiu o 2.º vol. da Colecção da *Legislação Portuguesa de Seguros*, por Fernando Brederode.

Contendo 7 leis, 28 decretos, 20 portarias e diversos anuncios, avisos, despachos, instruções, oficios, propostas de lei, regulamentos e tabelas, publicadas de 21 de Outubro de 1907 a 7 de Dezembro de 1918.

Preço, 15$00.

A' venda na "Revista Portuguesa de Seguros„ — Rua da Trindade, 15, 1.º — Lisboa. Telef. 2 5970.

A admiração de todos os automobilistas são: as novas



Opticas BOSCH

que transformam os farois do vosso carro em projectores potentes.

Despeza insignificante
Montagem rápida
Resultados surpreendentes

Luz clara a grande distancia e mudança anti-deslumbrante nos cruzamentos.

Temos **OPTICAS BOSCH** para farois de quasi todas as marcas de carros americanos. Peça hoje mesmo detalhes ao seu fornecedor!

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

ESCRITORIO TECNICO ROBERTO CUDELL, LDA.
PORTO — Rua Passos Manuel, 41, 1.º
LISBOA — Largo do Directorio, 15

Monte tambem a véla **BOSCH,** a marca de confiança!

OLY

Por muito bom que seja o pó de arroz, ele não se poderá fixar nem aveludar o rosto se a pele fôr oleosa, inconveniente esse que acarreta defeitos proprios destas peles, como poros abertos, pontos negros, espinhas, etc.

Os defeitos provenientes das secreções glandulares da epiderme levou a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA a criar produtos, acreditados hoje, pelos bons resultados obtidos. A sua pele normalizar-se-ha sem ter que evitar o emprego de produtos de beleza.

Basta para isso tratar-se com produtos OLY e usar na ordem natural da toilette diaria o LEITE OLY que rejuvenesce, evita sardas e limpa os poros; aplicar o ROUGE e o CREME OLY especiais para estas peles e finalizar pelo PÓ D'ARROZ OLY que manterá á superficie da pele as suas beneficas qualidades. A sua pele regressará assim ao normal.

Academia Scientifica de Belleza

Lisboa—Av. da Liberdade, 35—Telef. 2 1866

KOLYNOS

dá graça ao seu sorriso

CREME DENTÍFRICO

AVISO

ALFAIATARIA AGUIA acaba de admitir um 2.º artista com perfeito conhecimento de corte moderno. Apto a satisfazer os clientes mais exigentes. Mais barato casa nenhuma pode vender. R. da Madalena, 202, 1.º. Telefone 2 0581.

DISTRIBUIDOR: ALEXANDRE D'ALMEIDA SANTOS
TRAVESSA DA RUA FORMOZA, 20 PORTO

T. S. F.

Tem o seu receptor avariado?
Queira telefonar 2 7921 — Barros Queiroz, que ficará bem servido.

Baton para os lábios KHASANA

Num estôjo muito bonito, feito duma nova matéria preciosa. Não destinge — resiste às intempéries, à água, aos beijos 6 côres — a nuance ideal para cada tipo de beleza.

Rouge para as faces

KHASANA, harmònicamente adaptado ao baton para os lábios KHASANA. O rouge para as faces KHASANA aplica-se ràpidamente, a palidez da cara desaparece, e uma maravilhosa côr rosada, que encanta, cobre as faces remoçando-vos.

Agentes Gerais **SCHLEEDORN & JACOBY, Lda.**
Rua do Crucifixo 76-1.º - Lisboa - Tel. 27092

Empresa Insulana de Navegação

O paquete

"CARVALHO ARAUJO"

Para a Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Caes do Pico, Fayal e Flores (Lagens e Santa Cruz) sai no dia 23 de Novembro ás 15 horas.

AVISO: Os liquidos e cargas de estiva devem estar á borda até ás 17 horas do dia 20 e todas as outras cargas até á mesma hora do dia 21. Quando por motivo justificado tenha de ser recebida fora daqueles prazos pagará a sobretaxa de 20 %.

Trata-se com os agentes

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Telefone 20214 — Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

Carreiras de Camionetes da C. P.

entre Lisboa e Portimão, via Barreiro, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE PORTIMÃO		PARTIDAS DE BARREIRO	
Partidas de Portimão	8,15	Partidas de Lisboa T. P.	7,35
» » Lagos	9,00	» » Barreiro	8,15
» « Bensafrim	9,20	» » Moita	8,30
» » Aljezur	9,55	» » Palmela	8,50
» » Odeceixe	10,20	» » Setubal	9,10
» » Odemira	11,05	» » Aguas de Moura	9,50
» » S. Luiz	11,30	» » Alcacer do Sal	10,45
» » Cercal do Alentejo	11,50	» » Grandola	11,25
» » S. T. Cacem (almoço)	13,25	» » S. T. Cacem (almoço)	12,55
» » Grandola	14,20	» » Cercal do Alentejo	13,55
» » Alcacer do Sal	15,00	» » S. Luiz	14,10
» » Aguas de Moura	15,45	» » Odemira	14,40
» » Setubal	16,30	» » Odeceixe	15,20
» » Palmela	16,45	» » Aljezur	15,45
» » Moita	17,05	» » Bensafrim	16,20
Chegada a Barreiro	17,20	» » Lagos	16,45
» » Lisboa T. P.	18,00	Chegada a Portimão	17,25

SERVIÇO RAPIDO E CONFORTAVEL — **Embarque e desembarque nas Estações do Terreiro do Paço e Barreiro Mar** — **O trajecto pela via fluvial é feito pelos magnificos barcos da C. P.**

Chales

E mantas de viagem

Armazem, R. Douradores, 150, 2.º

+ PARTEIRA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

MOSAICOS

Goarmon & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17

LISBOA - Telef. 21059

Ennor, L.da

Transportes por domicilio a

Sucessor

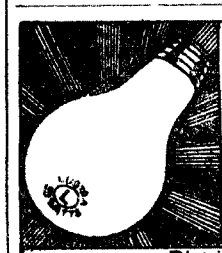
camionagem domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores Emprezas do País

PORTO
Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa)
Telefone 6102

LISBOA
Rua Gilberto Rôla, 8 (a Alcantara)
Telefone 2 4792



UMA LAMPADA ECONÓMICA

A lâmpada LUSTRA é a mais económica de tôdas pois é aquela em que o custo combinado da corrente e da lâmpada é menor. Para seu interêsse prefira-a.

Distribuidores:
António José Fernandes, L.da
44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

GENTE DA EUROPA

Paul Valery

PAUL VALERY

Um dia dêstes, irá a Coimbra receber o capelo azul escuro um grande europeu: Paul Valéry. Mas não o receberá como artista que é, nem sequer como ensaista (em todo o ensaista ha um miligrama de lente), senão como professor autentico, professor do Colegio de França.

Aí ensina Poetica o poeta Paul Valéry. Arte poetica? Metrificação? Estilistica do verso? Historia da Poesia? Nada disso especificamente, e tudo isso, uma vez tudo isso filtrado pela sua consciencia de criador, e adaptado ás suas convicções de teorico de engenhosidade numa criação literaria.

Já esta sintese de objectos, esta possibilidade de manejar disciplinas, sagradas pela tradição e pela vigilancia do Mocho sabio, conforme a intima acomodação espiritual de um professor, é materia para reflexão e espanto. Convido o leitor a reflectir para se não espantar. Mas concordo que na designação de Valéry para uma cátedra de França ha fortes motivos para nos tirar o á-vontade diante do que é costume.

Longe de mim pretender que, de uma hora para a outra, aparecessem a ensinar humanidades os fabricantes delas. A didactica do espirito está nas fronteiras do espirito; só toca ao de leve no seu nucleo, lá onde se passa o misterio ou a evidencia da criação. Portanto, se ha criadores na didactica, não são os processos de criação daquilo que ensinam os mesmos que devem servir para a transmissão magistral. O que o professor de disciplinas espirituais tem de ter, sob pena de fracasso, é a consciencia das condições do funcionamento espiritual, a tecnica dos actos criadores de conhecimento e de imaginação, e ambas essas coisas sob uma forma comunicativa, dinamica. O professor de humanidades (e entendo por isto, agora, a Literatura e a Filosofia com as respectivas Historias) é fundamentalmente um guia, alguem que vai adiante com uma luz poderosa destinada a iluminar com mais ou menos força os recessos de imaginação e as grandes linhas do pensamento, para uso daqueles que os querem entender.

Ora, pondo de parte o pequeno e relativamente acessivel numero de tecnicas de *artes*, (no sentido processual) que, por exemplo, a Poesia e o conhecimento pressupõem, tais como a Metrificação ou a Ritmica, a Logica (enquanto fornece procedimentos de marcha indutiva e dedutiva) ou a Historia do Vocabulario Filosofico (correctora dos desvios de sentido, da perda de tempo por desentendimento, quanto aos termos da especulação), as actividades do espirito, o desdobramento da sua energia em actos imaginados e pensados, estão pouco ao alcance de quem não participe, até certo ponto, da possibilidade de criar originalmente êsses actos.

A esta forma imperfeita de comunhão nos actos criadores, a este minimo de comparticipação no proprio dever do espirito se costuma chamar *sensibilidade filosofica, sensibilidade poetica*, conforme os casos. Na verdade, como pode ensinar Poesia—isto é, guiar alguem no entendimento da Poesia (unico ensino poetico possivel) —o professor que não apreende o fenomeno poetico, que não distingue entre regrões metrificados, mais ou menos providos de metaforas e de uma tematica doce, e a verdadeira poesia, ou seja a comunicação das aproximações inefaveis das coisas, o proprio surto da vida subliminal no seu dificil ponto de encontro com a evidencia?

Mas este *diploma* é muito poucas vezes pedido. De onde resulta que a formação humanistica das gerações está reduzida, mais ou menos em todos os países, a uma boa tecnica filologica, psicologica, geografica, mas a uma pura rotina na transmissão dos meios essenciais e profundos dessa formação: o pensamento vivo, a arte; a vida do espirito, numa palavra.

A França, quando pode, abre respiraculos na cripta... Já as suas tecnicas humanisticas são em geral bastante boas. A linguistica é boa; a historia da filosofia é boa; a literatura comparativa é boa. Agora, no Colegio de França, onde ha tão forte tradição de ensino vivo, cabe a vez a uma coisa delirantemente nova... a Poetica de Paul Valéry.

Que vai ensinar Paul Valéry sob o nome de Poetica? Já o disse a um jornal: as circunstancias em que se fabricam as coisas da imaginação. «Fabricar» é bem a palavra dêle; «fabricar», e «exercicio».

Com efeito, Valéry tem a poesia como supremo jogo, um risco que se corre com o maximo de previsões. Quereria tornar o acto poetico tão livre de surpresas e de achados, que houvesse, por assim dizer, uma algebra dos ritmos e da propria comunicação emocional. O poeta—em cuja pele, para o caso, cabe todos os que «inventam», todos os que jogam ás ilusões— é essencialmente um purificador, alguem que tem por missão limpar-se de todo o residuo sentimental e emotivo, até descobrir, do alto da memoria pura os ultimos nexos das coisas. «Mas isso é o pensador!» — diremos. Valéry, porém, como poeta, acrescenta a essa visão ultra-lucida do universo um elemento energico, qualquer coisa de vital, que lhe tire a qualidade tipicamente filosofica de uma mera constatação de relações. Aquecendo, por assim dizer, o frio e limpido conhecimento, fá-lo poetico—e seria este o conhecimento perfeito e acabado do mundo, a sua posse imota e a sua posse comovida.

Escusado é dizer como é difícil manter: por um lado, esta frieza olimpica da preparação do estado poético, esta astucia racionalista, engenhosa; e, por outro, a condição mais elementar da poesia, que é a emotividade, a comparticipação do poetico no humano pelas paixões. Não que toda a poesia tenha de ser passional—lirica e elegiaca—, passional no sentido de «padecer» as experiencias extremas da vitalidade: alegria, dôr, angustia, etc. Concebe-se uma poesia fria, serena ante o mundo e o seu fervor, verdadeiro conjunto de sinais das coisas e dos estados. Mas que essa poesia não interesse a alma, que não «comova»—isto é, não saia de uma significação inerte de fenomenos—e não será poesia, porque é conhecimento puro, racional, estreme.

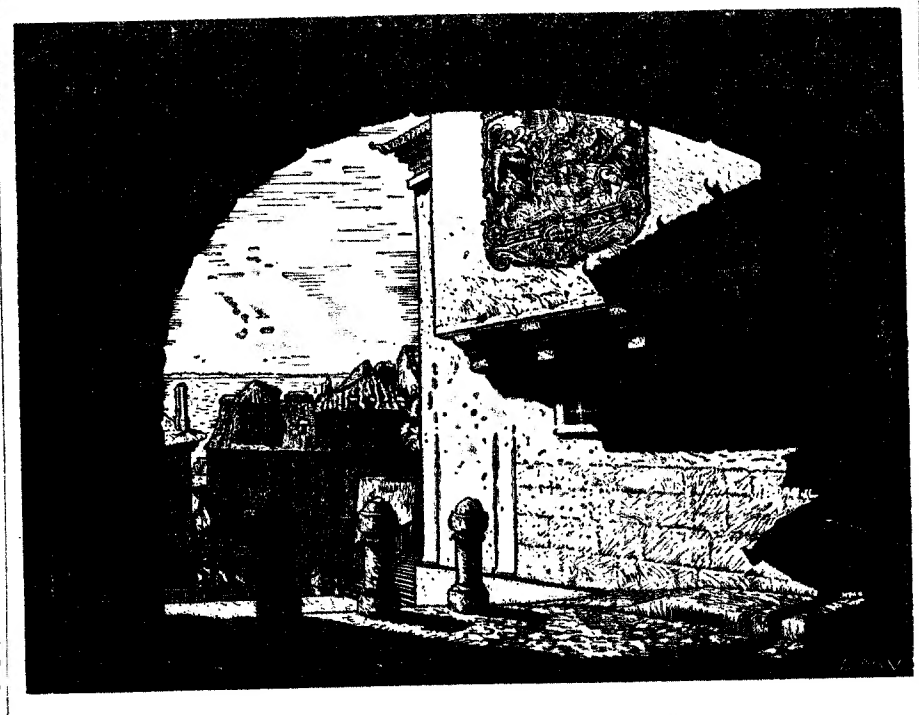
Daí o não ser a poesia de idéas uma grande poesia, a não ser quando deixa aderir ás ideações o preço delas em sofrimento humano, a angustia de pensar. Não é tanto a construção dialetica dos sonetos de Antero que nos faz sentir; não é o seu desenho conceptual que nos dá mais que uma certa euforia logica, um goso estetico rapido e sem repercussão comovida no ser: é a dôr que suporta a dialectica e os conceitos, a angustia que os trava e atesta a vivencia do espectaculo inane do universo.

Nada ha, pois, de poetico que não tenha o selo da vida, da limitação humana, da «suspeição» essencial que nos vem de estarmos implicados na vida, e de não podermos explicar dela senão o nosso proprio aprofundamento no seu misterio. Foi a esta verdade que Valéry fugiu para construir o seu poderoso universo de puras relações ritmicas, audacioso de desprendimento das fraquezas romanticas, do chôro dos poetas malditos, das gehenas da obscuridade, mas afinal comprometido no seu intelectualismo puro por aquilo que faz o seu alto valor poetico: a vibratilidade diante do mundo.

Mas não é minha intenção discorrer aqui sobre o deve e haver de uma das posições poeticas mais originais do mundo moderno—a de Valéry. A fase polemica e historica dessa atitude passou: as suas consequencias estão adquiridas, quasi arrumadas. Se trouxe Valéry a esta pagina destinada a agitar idéas e pessoas da Europa, foi pela actualidade que ele recria com o seu ensino no Colegio de França, e, para nós, portugueses, com a sua proxima visita á Universidade de Coimbra. E' sintomatico que se tenham aberto as portas de uma das maiores corporações lectivas da Europa a um homem que não vai ensinar por uma bitola colegial, mas criar ele proprio dia a dia os limites da sua materia, dando aos seus estudantes o espectaculo de um pensamento vivo, de um pensamento que se transmite no seu proprio desenrolar. E' possivel que isto contribua, em França, para desmumificar o ensino superior das Letras onde ele estiver pergaminhoso, e em Portugal para vitalizar tambem as coisas orficas, onde creio se não pode dizer que não haja tambem uma certa rigidez.

VITORINO NEMESIO

Lisboa vista por um artista hungaro



Alfama, gravura em madeira, de Attila Mendly

Ecos

Francis Croisset, que ha dias faleceu em Paris, era um conversador brilhantissimo, e deixou inumeras anecdotas pelos palcos e nos circulos literarios. Tinha a paixão da ironia, mas cultivada com elegancia, num verdadeiro requinte espiritual Leon Treich, no «Paris-Soir», reproduz alguns desses traços incisivos de Croisset, os que melhor fixam a sua fisionomia de literato.

Dizia-lhe um dia certa mulher muito nova e gentil:

—O que amo, sobretudo, na vida, é a verdade!

E ele, com bonomia:

—Minha querida amiga, não se deve dizer isso quando se põe «rouge» nos labios.

Em casa de Robert de Flers, de quem era colaborador:

—Ha muitos homens que se casam como se se tornassem funcionarios publicos.

Esta, que não vale a pena traduzir:

—«Vous n'avez pas de soucis de fortune, vous?»—preguntou-lhe um banqueiro, nos degraus da Bolsa de Paris.

Croisset:

—«Non, non, rien que des ennuis de argent!».

■

A Inglaterra, que é um pais ordenado e higienico, resolveu combater, encarniçadamente, os ratos, adoptando medidas que se podem considerar de ordem estrategica. A guerra já dura ha muito e foi declarada, solenemente, ao contrario do que fazem agora os povos desavindos. A primeira semana de novembro dedicaram-na os ingleses á carnificina dos terriveis roedores. Já não é a primeira, mas cim a 21.ª e denominam-se «National Rat Wels». São, oficialmente organizadas pelo Ministerio da Agricultura. O jornal «Observer» diz que estas batalhas semanais custam por ano ao Estado dois milhões de libras. Mas dá-as por bem empregadas, visto que os ratos, segundo o sr. Hinton, em brochura editada pelo British Museum, prejudicaram já a Inglaterra em 31 milhões de libras. Dentinhos de ouro! A especie mais terrivel e o rato «alexandrin» (ratus alexandrinus), que invadiu a Gran Bretanha ha uns bons trinta anos e que constitui, actualmente, 40 0/0 da população ratifera de Londres.

■

Ha anos começou a tocar-se em Budapest uma musica estranha, duma dramatica melancolia. Era o «Domingo sombrio», de Ladisla Javor, ao que parece inspirada pela actriz Sylvia que, nesse tempo, fazia furor numa «boite» de nuit», de cidade do Danubio. Entre o compositor e a artista tecera-se um lindo romance de amor. Ela, porém, cansara-se e, em certo domingo, molhado de tristeza e pesado como a tampa dum sepulcro, não lhe aparecera. Javor compôs, então, a celebre musica que, diz-se, influenciou, tragicamente, muitos desesperados da vida.

O mais curioso, porém, é o que sucede agora. O compositor renegou o «Domingo Sombrio», e ha dias que anda percorrendo os lugares publicos de Budapest, destruindo a sua musica.

Voltou a primavera! A leviana Sylvia deve ter sorrido a Ladislas Javor, e daí o optimismo do compositor.

Três poemas de Saul Dias

A tarde linda
não morreu.
Dela
perdura, ainda,
o suave frescor de aparição.

(O ceu
azula a sua mão
e doira-lhe a cabeça...)

E o instante é calmo e bom!

Que horas são?

A tarde recomeça!...

—Quem esqueceu no quarto do bordel
a «Ofélia» de Millais,
adormecida—morta
no lago verde-azul?

Vestida de noiva,
tem os cabelos soltos
e rosas sobre o peito...

As mãos poisam de leve,
como plantas de agua...

Sereno,
o rosto oblongo
das filhas de Albion...

E toda beijada da folhagem...

—Quem esqueceu no quarto do bordel
a «Ofélia» de Millais?

As aves
desenham o silencio
voando em volta do campanário...

Fugiram do aviário
e voam á solta...

E a alada exolta
abraça o horizonte largo e vário!...

SAUL DIAS

(Desenho de Julio).

AGUARELA

As arvores chicoteadas juntaram-se mais
e um queixume estranho correu nos troncos, nos ramos e nas folhas.
As lareiras apagaram-se num abandono sem nome,
os corpos juntaram-se mais num aconchego,
as mãos abandonaram-se impotentes
e, pelas faces de epopeia, os cabelos escorriam entre suor.
Uma dôr esqualida e profunda envolvia tudo e todos.
A tempestade vinha cruel e demorada.

Um dia, troncos, ramos, folhas,
um claro silencio os sacudiu murmurante
—e as arvores juntaram-se mais.
Uma alegria de terra molhada cantou no ar.
As mãos correram nos cabelos humidos
e os olhos confundiram-se na paisagem renascida, em extase.

Os homens deram-se os bons-dias numa voz confiante e fraterna.

ANTONIO GAMEIRO

O ultimo premio Nobel

Roger Martin du Gard é o sexto escritor francês laureado com o premio Nobel, depois da sua fundação. Os seus predecessores foram Sully Proud'homme, Mistral, Romain Rolland, Anatole France e Bergson. Martin do Gard nasceu em Paris em 1881. Antes da guerra publicou dois livros: «Devenir e Jean Barois». A sua obra, porém, mais importante são «Les Thibaut», romance ciclico duma geração, de que já foram editados doze volumes. Tem ainda duas farsas, uma delas representada no Vieux Colombier, «Le testament du Pére Leleu» e «La Gongle».

Como se sabe, o premio Nobel da literatura é conferido ao autor que, durante o ano anterior produzir uma obra notavel pelo seu idealismo.

Roger Marin du Gard publicou agora «E é 1914», no qual o romancista descreve o que se passou nos prelogomenos da grande guerra.

"Experiencia"

do dr. Martinho Nobre de Melo

A proposito do romance «Experiencia», do sr. dr. Martinho Nobre de Melo, que tão elogiosamente foi acolhido pela critca brasileira e portuguesa, escreveu o sr. dr. Rebelo Gonçalves, professor da Faculdade de Ciencias e Letras da Universidade de S. Paulo e catedratico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um brilhante artigo, que gostosamente reproduzimos nas paginas deste «Suplemento». Ei-lo:

Não é segredo para ninguem que estes ultimos 40 anos de literatura portuguesa não têm sido afortunados para o genero romance. Há exemplos apreciáveis de romance regionalista, mas não se esconde que o seu regionalismo, sem atingir feição profundamente «humana», é insusceptivel de interessar fora das fronteiras da patria; prejudica-o para mais, em varios casos, a natureza da linguagem, que, não contente de levar o dialictismo para o diálogo, chega a levá-lo, numa obsessão incompreensivel, para as narrativas que circundam as partes dialogadas—as suas «molduras»,—e, quando menos se espera, para a sequencia geral da narrativa. Há tambem exemplos bem-intencionados daquilo a que se convencionou chamar «romance social». E não se dirá que a sua materia nuclear não seja, por vezes, «socialmente» vigorosa e traduza arrojo de visão. Salvo, porém, rarissimas excepções, essoutros romances têm sido maiores pela concepção que pela feitura: trazem consigo, se bem observo, manifesto desequilibrio entre o esforço de conceber e a capacidade de realizar.

São os jovens, antes de mais ninguem, que nos dão o meio de aferir este estado de coisas. Uma efémera regencia universitaria de português diz-me que, inafeitos a esses tipos de romance, eles vão buscar compensações noutras formas de arte literaria.

Regressarão, porém, ás velhas predilecções, se continuarem a aparecer obras do valor de «Experiencia». Aqui, sim, há alguma coisa de muito novo e muito forte, alguma coisa—já o disseram ou sugeriram varios criticos—que nos faz pensar na «universalidade» de Eça de Queiroz. Pela admiravel harmonia do seu plano, pela soberba «polifonia» da sua linguagem, e pela sua extraordinaria «policromia» humana, «Experiencia» entra na literatura portuguesa como um grande romance de «interesse universal».

REBELO GONÇALVES

Ecos

Os problemas da morte e do eterno são mais uma vez postos em equação nesta obra, de interesse filosofico, por vezes, alucinante como descritivo, e até como emoção, que Lapas de Gusmao publicou agora com o titulo «No Mundo desconhecido». O autor é visitado por um morto que reencarna na sua aparencia fisica, e que volta da longa viagem. Viu e assistiu a tudo, e o que é mais, ouviu e falou, desde o buraco escuro, onde o lançaram, até ao frio e incomensuravel oceano de eter, que contorna os universos—ilhas planetarias.

Por fim, como Maeterlinck, no seu «Devant Dieu», publicado há dias, fala-lhe». Devemos dizer que Lapas de Gusmão, com o seu nobre espirito, por vezes atravessado de clarões dramaticos, em que o belo-horrivel dardeja, deu-nos uma obra de largo folego e profunda transcendencia. Há nele uma sinceridade que contamina. Temos de o seguir na arrojada escalada a esse seu «Mundo desconhecido», onde a terra para os de divina eternidade, é duma incompreensivel e fria tristeza. E' essa a interpretação do autor, o seu aspecto humano e literario. Edição da Empresa Nacional de Publicidade.

■

O jornalista inglês Warde Price publicou agora um livro intitulado: «I Know these dictators», no qual ele recortou, na sua intimidade humana, Hitler e Mussolini.

Warde Price refere-se ás amizades de Hitler, destacando duas inglesas, as irmãs Mitford, que conheceram o fuehrer, em Munich, quando ele frequentava as academias de pintura e os modestos restaurantes da cidade.

Hitler convida-as, frequentemente, a assistir ás exibições cinematograficas que se realizam no palacio da chancelaria. Por vezes, no velho hotel Kaiserhof, vê-se o ditador tomar a sua chavena de chá, com as louras inglesas. Verifica-se, pois, que Hitler não é um misogino, como certa imprensa tem pretendido apresentá-lo. Ward Price friza-o com bastante insistencia.

■

A Livraria Guimarães continua editando, numa selecção inteligente, obras de vivo interesse literario. Os seus dois ultimos «vient de paraitre» são «As Mascaras», da rainha Maria da Romania, e «Questões Nacionais», de Brito Camacho. O primeiro é um romance curiosissimo, talhado com feminina emoção, que tem por cenario, com o seu prestigio bigantino, o oriente europeu. Uma prosa translucida e fina como a de Daudet subtiliza a arte maravilhosa da grande romancista que, pela primeira vez, é traduzida em Portugal.

O segundo, «Questões Nacionais», é o diario dum politico desinteressado, que versou inumeros problemas e que, por vezes, nos dá uma nota de angustia, como na visita á Morgue, dias depois do regicidio.

■

Saiu agora o fasciculo XXXII da «Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira», obra de grande envergadura, que ficará como o maior documentario vocabular e de conhecimentos gerais que se tem publicado entre nós. Apresentação primorosa, com numerosas gravuras e alguns «hors textes».

"IBSEN E GRIEG"

Peer Gynt encontra Solvejg

A sr.ª D. Maria Josefina Andersen publicou agora um importante estudo sobre Ibsen e Grieg, o drama, a musica. *Os dois nomes, ligados por uma obra imperecivel, o* Peer Gynt *podem considerar-se as figuras mais expressivas da alma nordica. D. Maria Josefina Andersen, com fina sensibilidade, num ritmo quasi musical, descreve esse admiravel poema, entristecendo-o de notas pessoais, que são duma aliciante frescura emotiva. Merece a pena transcrever do livro, que deve figurar em lugar de honra numa estante, este «momento» de escalada ideal de Peer Gynt.*

No meio da floresta um tronco de arvore serve de sopé á madeira rustica com que Peer Gynt fez a «Hytte»; por cima, o colmo estendido a abriga das chuvas, como asas de cegonha que abertas cobrissem o ninho.

Ha poucas horas ainda, que o foragido ali tenta descansar.

Por toda a serra acima e em volta da «Hytte» é alto o gêlo, que na sua lisura e limpidês de cristal espelha os lindos tons crepusculares.

Tudo ali é socego!...

Ao espirito de Peer Gynt tambem desceu a calma.

Como se fôra pressentimento, o pulsar do seu coração vai de encontro á flôr do «Bem», doce como um favo de mel!...

Pela serra acima vai subindo Solvejg, enlevada em seu amor... pelo qual deixou aquela irmã pequenina, sua alegria; o pai, seu amparo; e seu enlevo, a mãi, que do seu peito, gota a gota a criou... Ela vai para onde não tem ninguem que dê pelo nome unico de «pai!» nem de «mãi!» Vai até—ele—e para—ele—; vai levada por amor que arde em brazido que se não consome, que se não apaga, em amor puro, de virgem pura!... e lá vai... subindo, sem sentir canseira nem o frio do gelo que lhe salpica o fato.

Peer, que chegara á porta da cabana na intenção de bem a aferrolhar, ouve a voz de Solvejg:

«Gud signe dit arbejde. Du far ikke vrage mig.
Budsendt jeg kommer, og sa far du tage mig».

(Deus abençoe o teu trabalho. Já não volto atrás.
Mandaste recado que viesse; ora pois: aqui me tens).

Peer Gynt:

«Solvejg! Det er ikke!... Jo... det er!
Og du blir ikke raed for at komme sa naer».

(Solvejg! Mas não é... E'... sim!
e tu não tens medo de vir para tão perto de mim!...

Solvejg:

«Bud har du skikket med Helga lille;
flere kom efter med vind og i stille.
Bud bar din mor i alt hun fortalte,
bud, som yngled, da drommene dalte.

Naetterne tunge og dagene tomme
bar mig det bud, at nu fik jeg komme.
Det blev som livet var sluknet dernede;
Jeg kunde ikke hjertefyldt le eller graede».

(Recebi o ter recado pela Helgazita;
muitos mais me trouxe o vento e a calma.
Recados me mandaste em tudo quanto de ti
tua mãi me contou,
recados que se multiplicavam quando os sonhos
me envolviam.

As noites pesadas e os dias vazios
trouxeram-me o recado de que podia vir agora.
E era assim, como se a vida se tivesse apagado
lá em baixo...
Eu não podia, do fundo do coração, nem rir
nem chorar!)

Peer sente tanta felicidade que de tudo se esquece; só vê Solvejg! Ele nem ousa aproximar-se; de mãos estendidas até ela, a salvadora, de longe a contempla; ela, por quem ele levou tanta noite, tanto dia, a suspirar; então, Peer abre o seu coração, é natural; deixa-o falar e idealiza que, ali na «Hytte» ele lhe fará doce a vida, ele alongará a «Hytte» que é pequena para amor tão grande... ele saberá fazer lume que a aqueça... Nisto, vê Solvejg toda molhadinha, ainda com pedras de gêlo encrustadas no fato, como brilhantes; e, feliz como nunca, vai buscar uns cavacos para acender a lareira e lhe enxugar as roupas.

Ele saiu; ela ficou!...

Apenas Peer Gynt dá dois passos, aparece-lhe diante o fantasma do mal anteriormente cometido: Ingrid!... Quere banir da idéa a lembrança do crime!... Começa o debate moral, a incerteza no caminho a tomar, o pêso da consciencia. Pior que tudo, quasi insustentavel, é o pêso da dôr de perder a alma que tanto amor lhe tem!...

A sua amada chama-o, mas ele diz-lhe que diante dele se levantou uma grande escuridão... nada se vê... ela prontifica-se a ir aclarar-lhe o caminho, a ir ajudá-lo, contanto que se não demore.

Peer Gynt:

«Vaer talsom jente;
langt eller kort, du far vente!»

(Sê paciente, rapariga;
muito ou pouco tens que esperar!)

Solvejg:

«Ja!... vente!...»
(Sim!... esperar!...)

Como doi o coração e a alma a Peer!... Tão perto da mão, quasi a tocar-lhe, tanto «Bem»; e a afastá-lo, tanto «Mal»!

Mas, aproximar-se o abominavel do «Puro» não será manchá-lo?!...

O instinto, leva-o a ir esconder-se nos braços da mãi, a agasalhar-lhe de encontro ao peito que o criou. E num impulso, corre... corre!... até á mãi; ela o saberá consolar da maior dôr que ele soube sentir, a que lhe veio da energia de fugir á virgem que adora. Mas outra dôr o espera!

E' um casebre desmantelado, o que Peer vai encontrar; por causa dele, a justiça tudo tirara á velhota; um bau vasio; pão... nenhum... e como enxerga, a cama de quando Peer era pequenino, onde Aase está ás voltas, sem encontrar posição, e onde mal cabe.

Aase, na sua alma de mãi, no latejar das suas veias, sente que o filho virá. Espera-o!... Tem os olhos pregados na porta... Já vai tardando:

Nej! Herregud, kommer han ikke?»
(Nada! Senhor Deus, ele não virá?)

«Det dryger sa inderling langt!»
(Isto parece nunca mais acabar!)

Vão-se passando as horas e ela sente-se de mal a pior:

«Je har ikke bud, at skikke»
(E eu que não tenho por quem o mande buscar)

O coração, de repente bate-lhe com tanta força que Aase põe-lhe a mão em cima!...
Aase:

«Vorherre dig glaede!»
(O Senhor te dê alegria!)

«Sa kom du da, kaere min gut!»
(Até que enfim vieste, meu querido rapaz!)

Peer Gynt chega-se á mãi; nada lhe diz do que lhe vai na alma; pede-lhe perdão, sem lho pedir. Ela abençôa-o, sem o manifestar; ele, na aparencia, tranquilo, sofre por tudo quanto vê.

Aase está tão encolhidinha na cama! O filho só vê naquele rosto a horripilante Morte. Os olhos apagados, metidos lá pelas orbitas dentro, os labios descorados; e, aflito, dá-lhe de beber... aconchega-a na cama pequenina... vai-se distraindo com lembranças doces da infancia; recorda-lhe os açoites tão merecidos que ela lhe deu, e diz-lhe:

«Gud signe dig, gamle styggen,
du var dog em kaerlig sjael!»

(Deus te abençoe, minha velha;
mas no entanto tinhas uma alma carinhosa!)

Peer continua a adoçar-lhe os ultimos momentos, pregunta-lhe se tem os pés frios... e as mãos?! estão geladinhas!...

MARIA JOSEFINA ANDERSEN

"Avé, Salazar"

Com o titulo Avé, Salazar! *publicou agora o distinto poeta sr. Zuzarte de Mendonça, filho, um livro de versos de caracter nacionalista, que é, segundo o autor, uma replica ao* Finis Patriae, *de Guerra Junqueiro. Trata-se duma obra de fervor patriotico, viva e impressiva, que se impõe pela sinceridade politica e pela elevação com que os seus diversos temas foram abordados.*

Transcrevemos o primeiro poema, Exaltação da Grei:

Foge a treva do Mal! Rompe a grande Manhã!
Por isso eu vou fazer um vivo diadema,
Para cingir, radioso, a fronte do Titan!

Tal presunção de amor é estreita num poema,
Mas por graça de Deus, Senhor Omnipotente,
Que a rude inspiração não vitupere o lema.

Canta a Missa da Patria, ó ultimo descrente!
Suspende, num assombro, a espada da vitoria,
Forjada pela fé, nas mãos da lusa gente!

Chicoteia, ó pigmeu, a duvida irrisoria!
E vê que já chegaste ao cimo da Montanha,
Na ascese espiritual dos circulos da Historia!

Que importa, ó minha Raça, a letargia estranha,
Se agora, que acordaste, aos ventos e ao espaço,
Retomas do teu genio a olimpica façanha?

Que importa a noite e a dôr, se foram como o braço
Que ficou a bater á Porta inacessivel
E imprimiu do Resgate o luminoso traço?

Bendita a Penitencia, humanamente incrivel,
Quando ela vence e expulsa o déspota tirano,
Sabendo realizar o quasi inconcebivel!

Caravela da grei por mistico oceano,
Sob a benção de Deus, Nau-Catrineta em flôr,
Vai-te de novo ao mar, navega a todo o pano!

Enche a maré de pasmo e a onda de esplendor,
Que eu sei da tua sina o portentoso engenho,
Se lhe barra o caminho a prole de Adamastor!

O' Aguia justiceira! O' látego tamanho!
Vistes rugir no pó esse Anti-Cristo hediondo
E fizestes raiar a luz do Santo Lenho!

O' trovões da Montanha! Em vós meu verbo escondo:
Mas ide proclamar a épica Verdade
E enchei do vosso orgulho a imensidade que sondo!

Fundas perturbações da ingénita Saudade!
Mudai o inquieto ardor em riso alegre e virgem,
Banhai o proprio ser na branca claridade!

Debruçou-se o gigante á beira da vertigem;
Mas segue heroicamente o rutilo destino,
P'lo trilho universal, profético, da Origem!...

ZUZARTE MENDONÇA

OS LIVROS DA SEMANA

CARTA AO SR. DR. JOAQUIM MANSO EM QUE SE FAZ UM EXAME DE CONSCIENCIA E SE RESPONDE A UM CAVALHEIRO ZELOSO

Ex.mo Sr. Dr. Joaquim Manso:

Já fez um ano que V. Ex. me chamou ao seu escritorio e me ofereceu o lugar de critico literario do *Diario de Lisboa*. Lembro-me muito bem que V. Ex. me disse: a administração do jornal só pode dispôr da importancia X para a manutenção dessa rubrica. Bem sei que é pouco, mas você dirá se lhe convem ou não. Pedi a V. Ex. para pensar. Concordei que efectivamente, para a responsabilidade, os dissabores e o trabalho material que o desempenho de um tal cargo implicava, a importancia não era grande. Contudo, aceitei. Porque aceitei eu um lugar que me iria trazer fatalmente responsabilidades, dissabores e um trabalho mal compensado materialmente? Seria longo explicá-lo a V. Ex. Um homem nunca se determina por uma só razão. Foram varias as razões que me levaram a aceitar esse cargo. De dentro do proprio *Diario de Lisboa* me tinham vindo incitamentos para que o aceitasse. Artur Portela varias vezes me falara na necessidade no jornal de um critico literario. Varias vezes Artur Portela me mostrara o seu empenho em que fôsse eu a pessoa chamada para exercer esse encargo. Fora do *Diario de Lisboa*, amigos meus se me ofereceram, para sugerir a idéa a V. Ex., sr. dr. Joaquim Manso. Antonio Botto foi um deles. Outro foi o meu amigo José Osorio de Oliveira. Lembro-me bem que Osorio de Oliveira, quando se falou nessa possibilidade, me disse: gabo-lhe a vocação de martir. Em Portugal, para se ser critico, é preciso contar com o martirio. Osorio de Oliveira tinha razão; mas eu, efectivamente, estava disposto a ser martir. Havia, pois, pessoas interessadas em que eu exercesse publicamente o mester de critico. Interesse generoso. Como eu, esses meus amigos pensavam ser urgente, visto haver alguem disposto a sacrificar-se, tentar exercer critica honesta aos livros que em Portugal se publicavam.

Ora cabe aqui dizer a V. Ex. por que me senti eu realmente disposto ao martirio. Estaria eu ingénuamente convencido de possuir melhor capacidade para desempenhar essa missão do que qualquer outra pessoa? De maneira nenhuma. Tenho repetido aqui muitas vezes que a minha função se pode comparar á de qualquer Seigneur de La Palice. Em materia de critica literaria o que havia a fazer em Portugal era simplesmento isto: ler as obras. Ora eu estava disposto a ler as obras literarias que fôssem propostas ao meu juizo. Esta era a primeira razão que me levava a sentir-me capaz de arcar com a responsabilidade de critico de um jornal da categoria do *Diario de Lisboa*. A segunda era sentir a necessidade urgente de chamar a atenção de quem se dignasse ler-me para algumas verdades comezinhas: as tais verdades de La Palice. Quere V. Ex. saber quais eram algumas dessas verdades? Por exemplo: que é tão legitimo dizer-se a um poeta que faz maus versos que os seus versos são maus como dizer-se a um cavaleiro que não sabe montar que monta mal. Sempre me parecera extraordinario ser legitimo dizer a um amigo: «Fica-te mal o bigode, usa antes cara rapada», e não se poder dizer ao mesmo amigo: «Não faças versos, homem! Não vês que não tens jeito». Foi esta a razão por que me atrevi a declarar a um poeta que me recebia em sua casa e me oferecia chá aquilo que todos diziam nas suas costas: publicamente, disse-lhe aqui mesmo que os seus versos não me pareciam aquilo que ele imaginava.

Outro exemplo: porque razão seriam os jornais tão generosos para escritores consagrados e tão inacessiveis a escritores ainda mal conhecidos ou de todo desconhecidos? Dar-se-ia o caso de haver consagrados antes de o serem como a pescada? Como teriam os nossos jornais chegado á noção de consagrado? Quando seria legitimo a um escritor passar a ter assento nas colunas de *critica* dos jornais? Foi pensando que aos olhos de um critico não há consagrados nem ignorados, mas simplesmente autores, que eu me atrevi a cingir a coroa do martirio.

Outro exemplo ainda: porque razão se faria intervir na apreciação das obras literarias postulados absolutamente estranhos á literatura? Para mim, uma obra literaria foi sempre um todo em si mesmo, com principio é fim nos limites espirituais dentro dos quais foi gerada. Só dentro dos seus limites ela deveria pois ser apreciada e julgada. Eis o que me propunha fazer.

Muitas outras razões e muitas outras verdades eu poderia ainda enumerar a V. Ex. Mas não vale a pena insistir demasiado no que me parece suficientemente esclarecido. Não devo esquecer, para ser inteiramente franco, que, não sendo rico e não ocupando lugares desses em que muito se aufere e pouco se faz, o facto de poder ganhar com o suor do meu rosto o pão dos meus não foi inteiramente estranho ao meu sacrificio. O trabalho é honra, dizem as cartilhas.

Já fez um ano, sr. dr. Joaquim Manso, que, movido por estas razões, eu tomei conta do encargo que V. Ex. tão galhardamente me confiou. A V. Ex. compete dizer se eu não subestar a altura da responsabilidade que me coube. Quando a dissabores e trabalho, julgo-me competente para confessar a V. Ex. que muitos tenho tido. Ainda ha dias V. Ex. me dizia: esquecem-se mais facilmente os louvores do que as censuras. Sensata observação. E' pois porque as censuras lembram e os louvores esquecem que eu tenho hoje menos amigos e mais inimigos.

Ser-me-ia facil mostrar a V. Ex., se V. Ex. o não soubesse e não me fizesse a justiça de o acreditar, que tenho procurado exercer o meu mester de critico sem complacencias de amizade nem ódios pessoais. E' facil haver quem diga o contrario. Quem o disser não o poderá fazer com justiça. Não só não tenho procurado captar as simpatias de quem quer que seja —coisa que tão facil me seria—como não tenho procurado maldizer de ninguem.

Se ha obras e autores por quem a minha critica mostra mais simpatia não o faço por motivos pessoais: nessa altura falam as minhas simpatias ou afinidades intelectuais. Acho justo e humano ter-se, por gosto e conformação educativa, tendencia para estimar, de preferencia, certa maneira de ser espiritual. Nunca supuz o critico homem perfeito e infalivel. Tudo na vida é relativo, diria ainda o meu bom amigo, Seigneur de La Palice. O que posso afirmar, no entanto, a V. Ex. é que nunca procurei intencionalmente *fazer-me incompreensivo* perante as obras honestas fora das minhas naturais simpatias. Mas tambem, devo confessá-lo, nunca obras geralmente tidas por superiores se me impuzeram pelo seu aparato. Fui tão severo para com Teixeira Gomes como para com Martinho Nobre de Melo. Tanto um como outro se dignaram enviar-me pessoalmente as suas obras. Nem o nome venerando de Teixeira Gomes, que admiro como mestre da lingua, me forçou a calar aquilo que penso acêrca dos limites da sua obra, nem a alta categoria burocrática de Martinho Nobre de Melo me deteve no meu juizo imparcial sobre a sua. Saiba V. Ex., sr. dr. Joaquim Manso, que tenho sido procurado por pessoas de alta categoria que me vêm oferecer as suas obras e rogar o meu juizo imparcial. Podia, em tais casos, ter escolhido entre a lisonja e a imparcialidade: sempre escolhi a imparcialidade. O unico prejudicado tenho sido eu.

Mas chegado a este momento do exercicio da minha modesta actividade de critico, outras surpresas me esperavam. Exactamente no dia em que me eram enviados pelo correio dois suplementos literarios do jornal *Novidades (Letras e artes)*, onde á margem de dois artigos intitulados *Actualidade de Gongora*, escritas pelo punho do seu autor, o dr. M. Paiva Boléo, se liam as palavras que indiscretamente transcrevo: *«Homenagem de Paiva Boléo, leitor assiduo dos seus artigos do «Diario de Lisboa»; embora discorde por vezes admira a sua aptidão critica e sobretudo o seu gosto pelas idéas»* —no dia em que o Dr. Paiva Boléo, bem conhecido pelas suas idéas, me endereçava estas palavras de compreensiva simpatia e injusta benevolencia—lia eu uma carta que fôra dirigida a V. Ex. em que a meu respeito se faziam certas e determinadas insinuações. Não é singular a coincidencia?

Sr. dr. Joaquim Manso: é V. Ex. pessoa altamente tolerante. Tolere pois, V. Ex. lhe diga que não ha nada que eu mais abomine que a intolerancia. Tanto como a intolerancia só abomino a perfidia. Na carta que lhe foi dirigida ha essas duas manifestações da maldade humana.

Subscreve a carta em questão um sr. Augusto da Costa. Não é a primeira vez que ouço este nome. Há já bastantes anos recebi em Coimbra, na redacção da *Presença*, algumas cartas assinadas com ele. Devo-as conservar aí algures. Confesso-lhe que o sr. Augusto da Costa me era tão desconhecido então como hoje. Nessas cartas ofereceia-se-me veladamente colaboração para a revista que eu dirigia e dirijo. Lembro-me, pelo menos, de se me oferecer um romance, cujo manuscrito me foi enviado tambem, que se intitulava, se não estou em erro o *Baile das Pintalgadas*. Nunca mais me esqueci de que havia nele cenas um tanto ou quanto pornográficas e que nele se punha a ridiculo o escritor Julio Dantas. Tudo o mais me esqueceu. Do resto a obra não era de molde a lembrar. Do que não estou esquecido, tambem, é de ter reenviado o original ao seu autor, que nunca colaborou na *Presença*.

Ora é esse mesmo sr. Augusto da Costa, suponho eu, quem agora endereça uma carta a V. Ex. alarmado, ao que parece, com o meu pouco patriotismo e o meu excesso de trabalho. Confesso-lhe, sr. dr. Joaquim Manso, que se não fôsse o muito respeito que devo a V. Ex. não teria perdido dois minutos com essa carta. Suponho que a leitura inteligente e limpida dos meus artigos do *Diario de Lisboa* não poderá induzir ninguem em erro. Quem será, num circo, o verdadeiro trabalhador: o *Faz tudo* que tudo finge fazer, com grandes gestos e muitas bagas de suor postiço, ou o pobre diabo que se esfalfa a arrumar arames e trapésios? Pois será mais patriota aquele que se limita a falar em patria do que aqueloutro que para ela trabalha honesta e diligentemente? Será a minha actividade do *Diario de Lisboa* uma actividade anti-patriótica? Permito-me pensar que não, amparado por aqueles que têm tido a benevolencia de me animar com o seu apoio moral.

Mas ainda que essa minha actividade nada valesse, onde estaria nos meus escritos o crime de lesa-Pátria? Fala-se na carta desse sr., entre outras coisas a que não vale a pena aludir, tão irrisorias são, que o meu anti-patriotismo se manifesta, por exemplo, em não querer que a *Revista de Portugal* seja... de *Portugal*. Lê-se isto e pensa-se: maldade ou pouca penetração? Permita-me V. Ex. lembrar-lhe o que eu escrevi sobre a *Revista de... Portugal*. Fazia-lhe, entre outras, a seguinte restrição: (transcrevo do *Diario de Lisboa* de 28 de Outubro findo) «Primeiro: transigencia com titulos feitos, o que, por pouco parecer significar, muito pode significar. *Revista de Portugal*, toda a gente o sabe, e ao caso se refere a direcção desta revista na sua editorial, foi o titulo de uma revista de Eça de Queiroz. Para quê retomá-lo? E' um titulo como outro qualquer, dirão. De acôrdo. Mas o certo é que um nome define, delimita, um conteudo. Um nome diz muito ás vezes, é um programa, uma afirmação de autonomia». Nestas palavras viu o autor da carta enderaçada a V. Ex., sr. dr. Joaquim Manso, a intenção de menosprezar o nome de Portugal, de o postergar. Será preciso mostrar que não era Portugal que eu queria afastar da nova e vibrante revista de Vitorino Nemésio, mas, simplesmente, o comodismo, os nomes feitos, a falta de iniciativa própria, a falta de personalidade? Pois não é certo que um nome individualiza? Porque teria chamado Eça de Queiroz á sua revista *Revista de Portugal* e não *Trovador* ou *Fénix Renascida*? Que lamentavel o sr. Augusto da Costa não ter progredido intelectualmente desde *O Baile das Pintalgadas* para cá!

Mas nos meus quarenta e oito artigos do *Diario de Lisboa* encontra ainda o mesmo sr. outra denuncia da minha falta de patriotismo. Apelo para a benovelencia de V. Ex. para esta ultima e definitiva transigencia explicativa. Escrevi eu no *Suplemento do Diario de Lisboa* do quinta-feira passada a propósito do romance de um jovem: «A intriga, tão bem delineada de principio, acaba, como é de uso acabar em romances portugueses com acção no estrangeiro inclusivamente *A cidade e as serras*. Nem o proprio Eça de Queiroz se salvou disso. Nesse genero de romance o heroi português regressa sempre á terra-mãi farto de civilização. E' verdade que no romance de Matos Chaves as razões são sentimentais: não são patrióticas. Mas o convencionalismo lá está». Foi isto que eu escrevi. Disto quere o sr. A. da Costa concluir tambem, e mais cabalmente ainda, o meu antipatriotismo. Ora é bem facil de ver que não há aqui nenhuma especie de repudio do sentimento patriótico, mas, simplesmente, um repudio do convencionalismo, quer ele seja patriótico quer sentimental. Ora não sei se o sr. Costa sabe o que quere dizer convencionalismo? Na vida como na literatura, ser convencionalista é pautar-se por normas que não estão de acôrdo com os verdadeiros sentimentos de quem por elas se pautua. Uma obra com um desfecho convencional, quer patriótico quer sentimental, é uma obra onde se sacrificou a verdade artistica a um principio estranho a ela. Eu não teria duvidas em chamar convencional a uma obra onde a um sentimento verdadeiramente patriótico se viesse opôr uma intenção não patriótica. Imagine V. Ex., sr. dr. Joaquim Manso, um poema em louvor da patria, que acabasse detraindo-a. Perante um tal poema eu não teria duvidas em considerá-lo, caso percebesse que o autor assim tinha procedido para ser agradavel a um credo de ultima hora (ter, por exemplo, a pátria, entretanto, caido em poder de um inimigo que ele procurava captar), eu não teria duvidas, repito, em considerá-lo literariamente convencional. Considero convencional, em literatura, tudo que atraiçoa a verdade intima da obra literaria. E' este o meu ponto de vista de critico literario. Só de pontos de vista literarios me tenho ocupado nos meus artigos do *Diario de Lisboa*. E sempre, em tudo quanto tenho escrito e em tudo quanto escreverei, enquanto a minha inteligencia me não mostrar o meu erro, defendi e defenderei que a literatura só serve uma verdade: a verdade do Homem.

Sr. dr. Joaquim Manso: perdôe-me ter excedido mais uma vez os limites da sua gentileza. Precisava de ter dito tudo quanto aí deixo para me sentir de bem com a minha consciencia. E V. Ex. pode crer: nunca deixarei de admirar em V. Ex. a generosa simpatia com que sempre tem acolhido no seu jornal este bicho intratável que é o seu admirador e grato confrade

JOÃO GASPAR SIMÕES

N. B.—Lisboa, 15-11-1937. Carta escrita entre as 23 horas e as 2 horas e meia da madrugada.

Mãos cheias de estrelas

Presa das grades de deveres austéros,
Em silencio, ao ceu alongo os braços,
Enquanto que os meus sonhos, tão sinceros,
Libram asas triunfais pelos espaços,
Sobre estas grades de deveres austéros...

E então tuas mãos cheias de estrelas,
Nos cuidados que tens para me dar,
Como em bondade, me ensinaste a vê-las,
Nas bençãos da tua alma de luar...

Vão espalhando neste mar da vida,
Mundos de astros de luz compadecida,
Quando o meu coração ouves chorar...
— E sempre as tuas mãos cheias de estrelas
Traçando o meu Destino neste mar!...

ALBERTINA PARAIZO